

## Ecos de janeiro e fevereiro de 2009

### COBERTURA 3

*“Não saberíamos ver  
alguém sofrer,  
sem sofrer com ele;  
não saberíamos vê-lo chorar  
sem chorar também com ele”.*

Conferência sobre a caridade, 30 de maio de 1659 -XII, 270

### **Sumário**

#### **Vida espiritual**

- 2 Carta de 1º de janeiro de 2009  
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 5 Conferência de 1º de janeiro de 2009 – Casa Mãe  
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 8 Carta de 2 de fevereiro de 2008  
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 20 Quaresma 2009  
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 25 Assembleia geral 2009  
Padre Javier Alvarez, Diretor geral
- 34 Pista para a jornada mensal de reflexão e de oração: “É preciso  
nascido de novo” (Jo 3, 7).  
Padre Javier Alvarez, Diretor geral

#### **Desafios Atuais**

- 38 A oficina artística do Centro de Hutt Street em Adelaide (Austrália)  
Província da Austrália, Ilhas Fidji e Cook  
Irmã Gwen Tamlyn, Filha da Caridade

## **Atualidade das Províncias**

Visita dos Superiores

- 41 Mère Evelyne Franc e Irmã Margaret Barrett, Assistente geral,  
Visita ao Quênia  
As Irmãs do Quênia
- 45 Mère Evelyne Franc e Irmã Julma Neo, Conselheira geral,  
Visita à Província da China  
Irmã Kathleen Grimley, correspondente dos Ecos
- 48 Mère Evelyne Franc e Irmã Julma Neo, Conselheira geral,  
Celebração dos 80 anos de presença das Filhas da Caridade no Vietnã  
Irmã Gonzague Tran Thi Kim Tu, correspondente dos Ecos

## **Testemunho das Irmãs**

- 51 Província de Suíça Turca: O testemunho de obediência de  
Irmã Josephine  
As Irmãs do hospital da Paz (Istambul)

## **Palavra dos Pobres**

- 53 Província de Cuba: Após a passagem do ciclone Ike em Cuba, os  
pobres nos evangelizaram.  
Irmã Maria Lazara Fernandez, correspondente dos Ecos

## **História da Companhia**

No tempo de São Vicente e... Hoje

- 55 A comunidade dos doze  
Padre Jean Morin, cm
- Preparação do Ano Jubilar do 350º aniversário da morte  
dos Fundadores
- 75 2010! Dois aniversários  
Padre Javier Alvarez, Diretor geral
- 77 Santa Luísa de Marillac  
Anteprojeto  
Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos

Carta de 1º de janeiro de 2009

Minhas queridas Irmãs,

De todo coração, venho apresentar meus votos de bom e santo ano de 2009, para vocês, suas Comunidades locais, todas as Províncias e a Região da Companhia. Que possamos viver este novo ano em fidelidade dinâmica ao nosso serviço de Cristo nos pobres, com um espírito evangélico e sob a proteção de Maria, Mãe de Deus, tal é o voto que podemos formular umas às outras!

Muito obrigada pelas notícias que me enviaram nestas últimas semanas, na qual, vocês apresentam suas Comunidades e expressam a alegria de serem Filhas da Caridade. Evocam seus serviços enraizados na oração, apoiados pela oferenda das Irmãs mais idosas e fundamentados no compromisso generoso de cada uma e na colaboração com todos aqueles e aquelas que lutam pela justiça, a promoção integral e a dignidade dos pobres. Nelas, vocês descrevem também, os sofrimentos destes pobres, agravados, de acordo com seus contextos de vida, pela violência, a corrupção dos poderosos, as catástrofes naturais, a crise econômica mundial. Em suas cartas, vocês me dão também ecos de sua vida comunitária, rendem graças por sua vitalidade e expressam, com frequência, o desejo de se empenharem mais profundamente a esta.

Ao Menino do presépio, confiei todas as nossas partilhas e este novo ano de 2009 em busca de **esperança** e de **paz**. Rezei com esta passagem de Isaías que lemos na Missa da noite de Natal e que pode iluminar o ano que se abre:

*“O povo que andava nas trevas viu uma grande luz;  
sobre aqueles que habitavam uma região tenebrosa resplandeceu uma luz.  
Vós suscitais um grande regozijo, provocais uma imensa alegria...  
Porque o jugo que pesava sobre ele, a coleira de seu ombro e a vara do feitor,  
vós os quebrastes, como no dia de Madiã...  
porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado...  
e ele se chama: Conselheiro admirável, Deus forte, Pai eterno, Príncipe da paz”.* (Is 9, 1-5)

Maria está no centro dos acontecimentos do Natal, ela os acolheu na fé para descobrir pouco a pouco o sentido destes, ela viu se realizar a profecia de Isaías. Ponhamo-nos na sua escola para meditar sobre o nascimento de Jesus, reconhecer nisto a humildade de um Deus que se faz um de nós por amor, que se dá gratuitamente. Possamos nós retirar daí as provisões de **esperança** que precisamos para o ano que se anuncia, para os pobres, para nós mesmas.

A exemplo de São Vicente e de Santa Luísa que recorriam a ela, confiemo-nos a Maria, para que ela nos ajude a *viver como profetas e a levar a esperança agora e em toda parte*, sendo artesãs corajosas do Reino de luz e verdade que seu Filho vem inaugurar.

*“Minhas Irmã, ponhamo-nos sob Sua proteção, consagremo-nos a Seu Filho e a Ela sem reserva, para que governe a Companhia em geral e a cada uma em particular”* (Conf. São Vicente, pág. 854).

*“Devemos rogar-lhe, habitualmente, que nos ajude a oferecer a Deus o serviço que lhe prometemos e, a cumprir sua santa vontade com a mesma submissão dela”* (Santa Luísa, Escritos Espirituais, M. 33, pág. 899).

Como já nos anunciou o Padre Gregory, a Família Vicentina celebrará em 2010 o tricentésimo quinquagésimo aniversário da morte de Santa Luísa e de São Vicente. Foram formadas algumas equipes, a nível internacional, para a preparação das celebrações em Paris e em Roma nos dias 15 de março e 27 de setembro de 2010. Além disso, o Conselho geral espera que este aniversário seja

marcado a nível local, provincial e nacional por uma partilha orante da riqueza espiritual de nossa herança vicentina e por projetos bem concretos, gestos proféticos, realizados em favor dos pobres e com eles.

Voltemos à solenidade de Maria, Mãe de Deus e ao Evangelho que a liturgia deste 1º de janeiro nos oferece; encontramos ao redor do recém-nascido deitado na manjedoura, Maria, José e os pastores que vêm certificar-se daquilo que os anjos lhes anunciaram “*Glória a Deus no mais alto dos céus, e paz na terra aos homens por ele amados*” (Lc 2, 14).

Esta **paz** anunciada, oferecida gratuitamente a todos pelo nascimento de Jesus pode parecer-nos um sonho inacessível no limiar de 2009. Em sua mensagem de 1º de janeiro, Bento XVI nos convida a refletir sobre esta, desenvolvendo o tema “*Combater a pobreza, construir a paz*”. Ele explica que “*toda a forma de pobreza imposta tem, na sua raiz, a falta de respeito pela dignidade transcendente da pessoa humana. Quando o homem não é visto na integridade da sua vocação e não se respeitam as exigências duma verdadeira “ecologia humana” desencadeiam-se também as dinâmicas perversas da pobreza*”. O Papa continua e destaca que, mais do que a colocação em prática de várias estruturas, “*a luta contra a pobreza precisa... de homens e mulheres que vivam profundamente a fraternidade e sejam capazes de acompanhar pessoas, famílias e comunidades por percursos de autêntico progresso humano*”. E, finalmente, ele afirma que “*a Igreja, ao mesmo tempo que segue com atenção os fenômenos atuais da globalização e a sua incidência sobre as pobreza humanas, aponta os novos aspectos da questão social, não só em extensão mas também em profundidade, no que se refere à identidade do homem e à sua relação com Deus*”.

Guardemos esta mensagem que une tão intimamente o combate planetário contra a pobreza e o advento da paz e que impulsiona o homem a dar o devido lugar a Deus num mundo que insiste em viver sem Ele. Rezemos também para que nosso serviço de Cristo nos pobres e nosso testemunho de vida sejam fonte de esperança e de paz lá onde o Senhor nos enviou. Façamos nosso, o apelo final de Bento XVI de alargar os nossos corações às necessidades dos pobres e, rezemos juntas, para que a Assembleia geral, sob a moção do Espírito Santo, trace novos sulcos em nossas vidas...

Com meu reconhecimento por suas orações, renovo minha dedicada afeição confiando cada Irmã a Maria, humilde jovem de Nazaré, Mãe de Deus e única Mãe da Companhia.

Irmã Evelyne FRANC  
Filha da Caridade

PADRE GRÉGORIO GAY, SUPERIOR GERAL

Casa Mãe

Conferência de 1º de janeiro de 2009

Minhas queridas Irmãs,

Não é fácil preparar cada ano, uma conferência para as Filhas da Caridade no dia de Ano Novo. Este ano em que se realizará a Assembleia geral, desejo que ele seja bem significativo. Escolhi partilhar algumas reflexões a partir das visitas realizadas durante o ano de 2008 nas diversas Províncias das Filhas da Caridade onde eu tive a ocasião de me encontrar com as Irmãs, os co-irmãos e

com membros da Família Vicentina. Assim sendo, visitei as Filhas da Caridade dos Camarões, Sardenha, Peru, Madrid, Grécia, Roma, Portugal, Estados Unidos, em particular, a Califórnia e a Costa Leste, Espanha (Salamanca), Eslováquia, Austrália, Ilhas Cook, Kalimantan Ocidental, Indonésia, Madagascar; França (o Berceau), Congo Kinshasa e Congo Brazzaville, Istambul, Camboja, Laos, Tailândia, Costa Rica e brevemente a do Panamá. Nestes diferentes países, tive sempre a felicidade de me encontrar com as Filhas da Caridade. A partilha das Irmãs baseada em suas experiências apostólicas, seus compromissos com os pobres, sua vida comunitária, sua experiência de Deus me enriqueceu muito. Fico sempre muito edificado pelo que eu ouço e vejo. Prefiro estas partilhas simples e fraternas com as Irmãs e espero que progressivamente, elas aceitem que o diálogo substitua uma conferência.

Recentemente, participei de um evento alegre: por ocasião do 60º aniversário da Declaração dos Direitos Humanos, nosso co-irmão Pedro Opeka, missionário em Madagascar, recebeu um Prêmio pelo trabalho que ele realizou junto com seus colaboradores em Akamasoa. Padre Pedro recebeu esta distinção honorífica na aula Paulo VI, em Roma, do mesmo modo que outras pessoas comprometidas solidariamente com os pobres. No final da celebração, o Papa nos enviou uma curta mensagem. Fiquei particularmente impressionado com um dos interventores: um leigo, responsável por uma organização que trabalha em parceria com as Nações Unidas. Ele nos interpelou sobre a necessidade de nos engajar mais em promover os valores evangélicos em nossa sociedade atual onde os pobres são sempre esquecidos. O ganho excessivo de alguns provocou uma grave crise econômica em nosso mundo. Escutando-o, uma imagem me veio à mente: a de um trem que nos embarca no caminho da vida, desloca-se cada vez mais rápido, faz a volta do mundo, embarcando muitas pessoas, mas nem todas, algumas ficam na plataforma. O Papa João Paulo II sempre exprimiu esta idéia: “com esta nova economia global, o fosso entre os ricos e os pobres aumentou”. É também o que diz Bento XVI. Em seu discurso de abertura da reunião plenária da Comissão da Conferência dos Bispos da Comunidade Européia, o Bispo de Rotterdam dizia que uma “economia baseada no consumo ilimitado dos recursos limitados só pode terminar em lágrimas”. Ele acrescenta: “A crise financeira dá origem a uma hierarquia desviadora dos valores de uma sociedade”. Esta crise deveria incitar os cristãos a se referirem mais à mensagem cristã, para viver com moderação e partilhar os lucros: duas soluções, entre outras, para construir um mundo justo e fraterno. Minhas Irmãs, é verdade que nós temos que tomar lugar a bordo deste trem. Mas, não esqueçamos nossas bagagens: os valores evangélicos recordados pela Doutrina Social da Igreja e por seu compromisso em promover a dignidade dos pobres.

Gostaria de partilhar com vocês outro assunto levantado durante minhas conversas com Irmãs das diferentes Províncias. Refere-se a uma das passagens do Evangelho onde Jesus diz: “Aquele que faz a vontade do meu Pai que está no céu é meu irmão, minha irmã, minha mãe” (Mt 12, 1-50). E em outra passagem, Jesus nos convida a deixar pai, mãe, irmãos, irmãs e tudo o que possuímos para segui-Lo. Na história da vida religiosa, estes textos foram colocados fora de seus contextos e interpretados de uma maneira fundamentalista a ponto de se tornarem quase desumanos. No entanto, é necessário viver a radicalidade do seguimento de Jesus. Às vezes, acontece que nossas famílias exigem de nós coisas pouco realistas, não compreendendo o sentido de nosso chamado e a radicalidade de nosso compromisso de consagrados. Cabe-nos explicar-lhes que estamos comprometidos com os membros de nossa comunidade e os pobres: eles são nossa família tanto quanto nossa família de sangue.

Após um diálogo com as Irmãs das Províncias de língua inglesa (participantes da sessão VIDA – Experiência de Integração Vicentina), referente à reciprocidade entre Santa Luísa e São Vicente, eu gostaria de partilhar com vocês outra reflexão sobre a reciprocidade na Família Vicentina. Somos convidados a entrar nesta relação mútua com nossos irmãos e irmãs da Família Vicentina, unidos a eles na solidariedade para e com os pobres. Convido-as a enriquecer esta questão da reciprocidade, embora já exista, em muitas Províncias, uma excelente colaboração entre as Filhas da Caridade e os Padres da Missão, o que no passado era designado sob o nome de “dupla família”. É um desafio a afrontar para serem realmente proféticas.

Outro desafio: o dinamismo das instituições cujos serviços são realizados pelo conjunto das Irmãs de uma comunidade (escola, hospital...). As instituições que nós temos são frutos de serviços dos pobres organizados tais como São Vicente os teria realizado. Contudo, se estas Instituições não são revisadas regularmente à luz do carisma, elas podem tomar outra orientação e sufocar o carisma.

Convido-as a revisar seus compromissos, a nível das Instituições, a fim de se certificarem de que estão respondendo bem às necessidades dos pobres e se estão sendo dinamizadas pelo carisma.

Outro desafio referente às Instituições: necessidade de realizar seu apostolado de uma maneira simples. O dinheiro é necessário para a realização destas obras, mas devemos ter cuidado em administrar o dinheiro para o serviço dos pobres sem que este se torne nossa prioridade principal. Administremos o dinheiro de maneira prudente, confiando na Providência, mas ao mesmo tempo, utilizando-o honestamente sem nos tornarmos escravos dele, sabendo evitar as armadilhas de nossa sociedade.

Último desafio: ser profética para as Irmãs de sua Comunidade encorajando-se mutuamente a viverem juntas as Constituições com muito respeito e indulgência. Nosso exemplo e a simplicidade de nossa vida constituem a melhor maneira de encorajá-las. Às vezes, constatando as negligências de nossas Irmãs, podemos feri-las fazendo-lhes observações. Não devemos ser agressivos em Comunidade, mas acessíveis. Assim, favorecemos ocasiões, para dialogar juntos, a fim de nos ajudar uns aos outros, a viver nossa vocação. Um desafio profético é, pois, conduzir nossas conversações como um dueto onde as vozes, embora diferentes, como o soprano e o baixo, unam-se numa melodia harmoniosa.

Rezo para que vocês sejam proféticas, vivendo a bondade, a doçura e um estilo de vida simples que interpelem e dêem vontade de entrar em comunhão com vocês. Somos chamados a testemunhar que Deus é nossa vida, que é por Ele que juntos nos engajamos, em comunidade, em favor dos pobres. Peça a Deus que as abençoe neste ano de 2009.

Padre Grégory GAY, cm  
*Superior geral*

IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

### **Carta de 2 de fevereiro de 2009**

Minhas queridas Irmãs,

A festa da Apresentação do Senhor no Templo nos faz reviver a alegria do velho Simeão e da profetisa Ana. Eles viveram sob o olhar de Deus e souberam reconhecer o Messias, eles viram a *luz das nações* que esperavam de todo seu coração. O exemplo de oração, de fé e de perseverança de ambos pode nos motivar para reconhecer o Cristo na diversidade de nossos encontros diários. Isto também pode nos acompanhar nas semanas que nos separam da festa da Anunciação e nos ajudar a preparar a próxima renovação de nossos votos, com um coração alegre e atento.

Com efeito, depois de ter conversado com o Padre Gregory para lhe apresentar, de acordo com a bonita tradição da Companhia e em nome de todas nós, o pedido para renovar nossos votos, tenho a alegria de anunciar-lhes que nosso Superior geral nos concede esta graça para o próximo dia 25 de março. Durante nossa conversa, falei-lhe do ano passado, comentei sobre as cartas enviadas, os pontos fortes de nossa vida fraterna em comunidade, de nosso serviço de Cristo nos pobres e de nossa relação com Deus, sem omitir nossas incoerências. O Padre Gregory que visitou um grande número de Províncias, destacou o testemunho de nossa proximidade de vida e de coração com os pobres e a necessidade de preservar nesta atitude de serva que nos caracteriza na Igreja.

Confiei-lhe que um dos frutos do pedido de renovação que todas nós realizamos na fé, é a alegria de mais uma vez tomar consciência da grandeza e da simplicidade de nossa vocação, e um outro, um reconhecimento humilde a Cristo que nos escolheu e atraiu há um, cinco, dez, sessenta anos ou mais, e que, pela força de seu Espírito, nos animou dia após dia, ano após ano, a segui-Lo e a servir testemunhando a Caridade lá onde a Providência nos enviou.

*“Grandes e maravilhosos são tuas obras, Senhor Deus...”<sup>1</sup>.*

*“Tu puseste sobre mim tua mão...”<sup>2</sup>.*

Os cinco anos precedentes, por ocasião desta carta de 2 de fevereiro, abordamos juntas as Linhas de Ação resultantes da Assembleia geral de 2003: Missão, Vida de relação, Formação, Internacionalidade da Companhia, Pastoral Vocacional... cada assunto nos permitiu preparar a renovação sob um ângulo diferente. Este ano, desejo refletir com vocês sobre os sulcos que o Senhor nos pede para aprofundar mais, traçar mais direito, irrigar cuidadosamente a fim de responder fielmente o chamado inicial que, em seu amor gratuito, nos dirigiu.

A celebração da Assembleia geral em maio e junho próximo dá uma ênfase particular à nossa renovação. Todas vocês participaram do trabalho de preparação através de suas comunidades locais e de suas Províncias. Há mais de um ano, o Espírito está agindo de um modo particular na Companhia; a leitura dos documentos de suas Assembleias é uma prova certa disto.

Hoje, para preparar nossa renovação, convido-as a refletir na seguinte pergunta:

**Que novos sulcos somos chamadas a traçar pessoalmente, por ocasião desta renovação, para aprofundar a vivência de nossa vocação e de nossa missão de Filhas da Caridade, profetas e portadoras de esperança e acolher com um coração aberto a vontade do Senhor, que se manifestará nas decisões da Assembleia geral?**

A imagem dos sulcos me agrada porque evoca, ao mesmo tempo, um trabalho árduo e o mistério da germinação, da colheita futura. Com escreve São Paulo *“Eu plantei, Apolo regou, mas é Deus quem fez crescer”<sup>3</sup>*.

Vou desenvolver dois pontos:

- Traçar sulcos, um trabalho em profundidade e progressão
- Traçar sulcos, para viver nosso dom total, com uma fidelidade renovada.

**I. TRAÇAR SULCOS, TRABALHAR EM PROFUNDIDADE E EM PROGRESSÃO PARA “FORTALECER O HOMEM INTERIOR”<sup>4</sup>.**

---

Traçar, cavar sulcos, é uma tarefa que requer um compromisso paciente, constância. Cavam-se sulcos para preparar a terra que deve receber a semente; cavam-se sulcos para virar, arejar a terra que deve receber o grão; cavam-se sulcos para que a água possa correr, umedecer, dar vida à planta, cavam-se sulcos porque espera-se obter uma boa colheita.

Traçar, cavar sulcos... Trata-se de fazer um trabalho dentro de nós mesmas, em profundidade e, ainda mais, avançar adiante, numa perspectiva de futuro. Olhar adiante exige deixar para trás o que é velho e caduco, hábitos, modos de pensar, de agir, esquemas antiquados. Cavar sulcos implica aprofundar, crescer interiormente; mas isto também obriga a olhar mais longe, estabelecer um objetivo a ser alcançado.

Os sulcos traçados recentemente nos oferecem o odor da terra recém arada, fazendo-nos sentir, adivinhar a colheita futura:

*“... Senhor, meu Deus, vós sois imensamente grande!... Fazeis brotar a relva para o gado, e plantas úteis ao homem, para que da terra possa extrair o pão e o vinho que alegra o coração do homem, o óleo que lhe faz brilhar o rosto e o pão que lhe sustenta as forças!”<sup>5</sup>.*

Que alegria contemplar um campo bem arado, bem preparado para a colheita futura, uma imensa planície ou minúsculas áreas em terraço, presas ao flanco de uma colina ou ainda campos modestos protegidos do vento por cercas ou estacas... segundo o lugar onde vivemos. Ao contrário, que espetáculo desolador ver terras não cultivadas, deixadas em alqueive privados de semente, de germe de esperança!

O salmo 64 descreve de uma maneira poética o país da abundância, fruto do trabalho dos agricultores e... da graça de Deus:

*“Visitastes a terra e a regastes, cumulando-a de fertilidade... Assim, pois, fertilizastes a terra, irrigastes os seus sulcos, nivelastes e as sua glebas; amolecendo-as com as chuvas, abençoastes a sua sementeira. Coroaste o ano com os vossos benefícios; onde passastes ficou a fartura. Umedecidas as pastagens do deserto, revestem-se de alegria as colinas. Os prados são cobertos de rebanhos, e os vales se enchem de trigais. Só há júbilo e cantos de alegria”<sup>6</sup>.*

Traçar, cavar sulcos... Aprofundamento e visão de futuro são também necessários para um dinamismo de crescimento. Precisamos trabalhar no interior de nós mesmas para crescer em intimidade com o Senhor até nosso último suspiro, crescer em capacidade de reflexão e de discernimento, face à superficialidade de nosso mundo, ao clima de instantaneidade febril que nos cerca, a fim de evitar o perigo de viver na superfície, de deixar esgotar nossos recursos de fé.

*“Semeai na justiça, e colhereis bondade em proporção. Lavrai novas terras! É tempo de buscar o Senhor, até que venha espalhar a justiça sobre vós”<sup>7</sup>.*

A formação contínua tem como objetivo ajudar-nos a viver estes processos de aprofundamento, esta visão de futuro, *“como uma configuração progressiva a Cristo, numa fidelidade renovada ao Espírito e ao fim da Companhia”<sup>8</sup>.*

---



Somos alimentadas cada dia pela Palavra de Deus<sup>9</sup> que *“pode transformar profundamente o coração do homem, e por isso é importante que com ela entrem numa intimidade cada vez maior os fiéis individualmente e as comunidades”*<sup>10</sup>. Por isso, é bom verificar como a Palavra semeada em nosso coração frutifica, que tipo de terra preparamos para fazê-la germinar.

*“Lavrai o vosso terreno alqueivado, e não semeis entre espinhos”*<sup>11</sup>.

Vivemos numa sociedade pragmática, carregada de rapidez e agressividade. Não haveria aí um convite a reduzir nosso ritmo a fim de intensificar a vida espiritual, viver com mais profundidade, reencontrar o caminho de nosso coração, voltar ao nosso coração?

Viver com mais profundidade, ser pessoas de oração... Uma pessoa de oração será capaz de tudo <sup>12</sup>, afirma São Vicente com vigor.

Por sua vez, Santa Luísa aconselha viver a união com Deus, entregar-se inteiramente a ele: *“Deus quer de nós apenas o coração; não pôs em nosso poder senão o puro ato da vontade e é o que olha, juntamente com a ação, que dele procede”*<sup>13</sup>.

Viver com mais profundidade em nossa sociedade barulhenta, reservando-nos tempo e lugar de silêncio<sup>14</sup>.

Viver com mais profundidade os encontros comunitários, visto que o Senhor está na comunidade reunida<sup>15</sup>.

---

Viver com mais profundidade num mundo onde o secularismo ganha espaço e, de maneira sutil, reduz o espaço e a parte dada a Deus. Poderíamos nos encorajar a marcar mais em nossas comunidades o Dia do Senhor, Páscoa semanal, dia de paz e de repouso, “dia de jubilo e de alegria”<sup>16</sup>.

*“O domingo é um dia que está no âmago mesmo da vida cristã... Sim, abramos o nosso tempo a Cristo, para que Ele possa iluminá-lo e dirigi-lo. É Ele quem conhece o segredo do tempo e o segredo da eternidade, e nos entrega o “seu dia”, como um dom sempre novo do seu amor. Há de se implorar a graça da descoberta sempre mais profunda deste dia, não só para viver em plenitude as exigências próprias da fé, mas também para dar resposta concreta aos anseios íntimos e verdadeiros existentes em todo ser humano. O tempo dado a Cristo, nunca é tempo perdido, mas tempo conquistado para a profunda humanização das nossas relações e da nossa vida”<sup>17</sup>.*

Poderíamos ainda dar outros exemplos de aprofundamento possível, mas deixamos o Espírito soprar, vivificar, dinamizar, abrandar, iluminar, reforçar. Ele saberá nos guiar cada uma nesta tarefa de anivelamento necessário para o bem de toda a Companhia.

**Que novos sulcos estamos dispostas a traçar para continuar avançando no caminho da vida interior, para viver com mais profundidade?**

## **II. TRAÇAR SULCOS, PARA VIVER NOSSO DOM TOTAL, COM UMA FIDELIDADE RENOVADA.**

Permitam-me comentar rapidamente nossos quatro votos e sublinhar cada vez mais alguns aspectos “a traçar”. Minha reflexão tem o objetivo apenas de começar a sua e engajar cada uma de vocês a colocar-se à escuta do Espírito.

### **1. SERVIÇO DOS POBRES**

As Constituições descrevem o serviço da Filha da Caridade como *“visão de fé, coloca em prática o amor do qual Cristo é a fonte e o modelo”<sup>18</sup>.*

Esta expressão bem assimilada retoma o ensinamento de São Vicente que nos convida a contemplar Jesus Cristo, a entrar nos sentimentos que o habitavam diante dos fracos e abandonados, a continuar sua missão em profunda identificação com Ele: *“... como servia Ele (Jesus Cristo) os pobres? Servia-os corporal e espiritualmente, ia de um lado para o outro, curava os doentes, dava-lhes conforme o dinheiro que tinha, e instruía-os sobre a sua salvação. Que felicidade, minhas Filhas, que Deus vos tenha escolhido para continuardes o trabalho de Jesus Cristo na terra!”<sup>19</sup>.*

---

De Cristo nós aprendemos a servir os pobres, a viver como eles e por eles, a servi-los com *doçura e compaixão, a dizer-lhes uma boa palavra*, segundo os termos empregados por Santa Luísa. Toda nossa vida lhes pertence porque a entregamos totalmente a Deus. São Vicente insistia: *“Foi Deus que vos entregou o cuidado dos Seus pobres, e deveis proceder nisso, no Seu espírito, compadecendo-vos das suas misérias, e sentindo-as em vós mesmas tanto quanto possível”*<sup>20</sup> e o Papa João Paulo II repete à Companhia três séculos mais tarde: *“Não tendais olhos nem coração senão para os pobres”*<sup>21</sup>.

Esta *proximidade de vida e de coração com os pobres* é a base de nosso serviço, é nossa especificidade de Filhas da Caridade. Hoje, muitos de nossos contemporâneos, esperam de nós o olhar, o sorriso, a palavra, o gesto que os fará novamente existir, esperar, devolver sua dignidade.

Além deste contato indispensável de serva e a partir dele, estende-se um grande campo a laborar com coragem e inventividade e em colaboração: promoção da pessoa em todas as dimensões de seu ser, luta contra a miséria por meio de projetos que remediarão as suas causas, lutar em favor de nossos irmãos e irmãs necessitados...<sup>22</sup>

Além disso, nosso serviço está inserido numa imensa corrente de solidariedade, de testemunhos simples de tantas pessoas, cristãs ou não, que doam seu tempo e sua energia, participam ativamente de organizações em favor da paz e da justiça, da defesa dos direitos humanos, do meio ambiente e que contribuem para construir a civilização do amor. Estes são sinais de vida e de esperança que contém *“as sementes do Verbo presentes em todas as culturas”*<sup>23</sup>. São homens e mulheres de boa vontade a encorajar, apoiar, acompanhar...

**Que novos sulcos estamos dispostas a traçar para continuar avançando no serviço de Cristo nos pobres com amor criativo e uma audácia profética?**

## **2. A CASTIDADE, UM DOM QUE LIBERTA**

*“Acolhem a castidade como dom que liberta seu coração dilatando-o segundo as dimensões do coração de Jesus Cristo, por uma doação incondicional e uma total disponibilidade ao serviço dos*

---

pobres”<sup>24</sup>. *“Vivem, no reconhecimento e na alegria, a castidade, fonte de fecundidade espiritual e sinal da aliança entre Deus e seu povo”*<sup>25</sup>.

A experiência alegre da castidade vem de um coração purificado, um coração vigilante que toma os meios de manter sua lâmpada acesa para passar a noite da longa espera, com uma humilde perseverança.

*“Sim, em Cristo é possível amar a Deus com todo o coração, pondo-O acima de qualquer outro amor, e amar assim, com a liberdade de Deus, toda a criatura! Este testemunho é hoje mais necessário que nunca, exatamente por ser tão pouco compreendido pelo nosso mundo”*<sup>26</sup>.

A vida fraterna é um apoio essencial para viver a castidade, ela se fundamenta em relações interpessoais não possessivas, no equilíbrio e na gratuidade, no perdão mútuo; favorece a maturidade de cada Irmã e permite-lhe alcançar a dimensão espiritual ao qual Deus a chamou.

Uma Comunidade bem ancorada na vida de fé ajuda a eliminar as toxinas de uma poluição ambiental - busca do prazer, preocupação exagerada com o corpo, a saúde, o culto da imagem - que pode se infiltrar em nossa vida, sob os modos mais sutis e pode obscurecer a beleza do tesouro que carregamos em vasos de argila<sup>27</sup>.

A experiência nos ensina que o equilíbrio emocional e a maturidade são bens cujo desenvolvimento não é linear e ininterrupto, pelo contrário, geralmente eles são alcançados através de etapas que não excluem as crises. Em todos os casos, o acompanhamento, a oração, a prudência e a ascese são necessários; durante as tempestades do coração e dos sentidos, estes são as bóias que nos evitam o afogamento.

A castidade consagrada abre o coração a todos. Ela acolhe todos os sofrimentos e sabe compartilhar com todas as vítimas da rejeição, da violência, da marginalização. Ela promove a cultura da vida, numa sociedade que relativiza todas as questões ligadas à bioética.

*“O Evangelho da vida é para bem da cidade dos homens. Atuar em favor da vida é contribuir para o renovamento da sociedade, através da edificação do bem comum. De fato, não é possível construir o bem comum sem reconhecer e tutelar o direito à vida, sobre o qual se fundamentam e desenvolvem todos os restantes direitos inalienáveis do ser humano. Nem pode ter sólidas bases uma sociedade que se contradiz radicalmente, já que por um lado afirma valores como a dignidade da*

---

*peessoa, a justiça e a paz, mas por outro aceita ou tolera as mais diversas formas de desprezo e violação da vida humana, sobretudo se débil e marginalizada*”<sup>28</sup>.

Cabe a nós amar a vida em todas as suas etapas, protegê-la e defendê-la “*Eu vim para que as ovelhas tenham vida e para que a tenham em abundância*”<sup>29</sup>. Um testemunho que nós mesmas podemos dar é abordar e viver a velhice como fez o Papa João Paulo II.

Quando o corpo é tratado como objeto, a castidade adquire um novo brilho: o amor é dom oferecido a todos, sem distinção de raça, língua, cultura; é gratuidade pura: amar é dizer a toda pessoa, em todo lugar, em toda situação: “*...és precioso a meus olhos, porque eu te aprecio e te amo*”<sup>30</sup>.

**Que novos sulcos estamos dispostas a traçar para continuar avançando na vivência da castidade com alegria e reconhecimento?**

### **3. POBREZA, ACOLHIMENTO DO ESPÍRITO, ABERTURA AO AMOR DE TODOS**

“A pobreza do coração, abertura ao Espírito, dispõe a alma ao amor universal e impele as Filhas da Caridade a colocar a serviço de seus irmãos e irmãs, sua pessoa, talentos, tempo, trabalho, bem como os bens materiais que consideram como patrimônio dos pobres”<sup>31</sup>.

A pobreza, essencial em nossa vocação, é uma das bases da Companhia, como nos ensinam Santa Luísa e São Vicente:

*“Sei muito bem que não quereis entesourar. Amais muito a santa pobreza e a confiança em Deus: os dois pilares da Companhia das Filhas da Caridade”*<sup>32</sup>.

*“Não tendes direito senão a alimentar-vos e a vestir-vos; o que sobra pertence ao serviço dos Pobres”*<sup>33</sup>.

---

Como atualizar estes sábios conselhos de nossos Fundadores, viver a pobreza pessoal e comunitariamente, escolher meios simples para realizar nossa missão?

Percebo um apelo forte do Senhor, que nos convida a uma conversão verdadeira e profunda a uma pobreza mais autêntica e radical; um apelo a viver e servir com um estilo de vida mais simples e coerente com nossa condição de servas; a sermos inventivas no trabalho pela justiça; a percorrer as estradas da vida com bagagens mais leves: *“Ordenou-lhes que não levassem coisa alguma para o caminho, senão somente um bordão; nem pão, nem mochila, nem dinheiro no cinto; como calçado, unicamente sandálias, e que se não revestissem de duas túnicas”*<sup>34</sup>. Não há dúvida de que o cajado é uma grande ajuda para o peregrino que faz uma longa viagem, mas a única bagagem realmente necessária para a missão é um coração cheio de Deus!

Como viver a pobreza em tempos de crise, uma crise de dimensão mundial, que desestabiliza a vida de milhares de pessoas em nosso mundo, levando-as a viver na precariedade? A doutrina da Igreja é clara e nos pede para ir além em nossa partilha: *“O amor ao homem e em primeiro lugar ao pobre, no qual a Igreja vê Cristo concretiza-se na promoção da justiça... De fato, não se trata apenas de «dar o supérfluo», mas de ajudar povos inteiros, que dele estão excluídos ou marginalizados, a entrarem no círculo do desenvolvimento econômico e humano. Isto será possível não só fazendo uso do supérfluo, que o nosso mundo produz em abundância, mas sobretudo alterando os estilos de vida, os modelos de produção e de consumo, as estruturas consolidadas de poder, que hoje regem as sociedades”*<sup>35</sup>.

A pobreza, como valor evangélico é uma mensagem que interpela com força, que demonstra de uma maneira eloqüente que Deus é nossa alegria, que o espaço de nosso coração está ocupado por Ele: o Senhor é nossa força e nossa fortaleza<sup>36</sup>.

**Que novos sulcos estamos dispostas a traçar para continuar avançando na prática da pobreza, tendo como único tesouro o Cristo?**

#### **4. OBEDIÊNCIA, OFERENDA DA LIBERDADE**

*“Toda **obediência** na fé reproduz a atitude do Filho que, para realizar o desígnio de amor do Pai, fez-se obediente até a morte e morte de cruz. A seu exemplo e sob a moção do Espírito Santo, as Filhas da Caridade fazem a Deus a oferenda de sua liberdade...”*<sup>37</sup>.

---

A obediência, em seguimento de Cristo, é uma busca da vontade de Deus, com a sede de realizá-la. Uma busca guiada pelo Espírito na qual devem tomar parte, ao mesmo tempo, aquela que exerce o serviço da autoridade e a que obedece.

São Vicente e Santa Luísa, fiéis discípulos de Cristo, viveram a obediência, ao longo de suas vidas, esta era para eles uma busca apaixonada da vontade de Deus, manifestada na Sagrada Escritura, no clamor dos pobres, nos acontecimentos cotidianos. A contemplação da obediência de Jesus lhes fez descobrir na fé o melhor fundamento da obediência.

*“... Jesus Cristo não veio ao mundo senão para fazer a vontade de Seu Pai, o que fez durante toda a Sua vida; uma Filha da Caridade, que se propõe imitar Nosso Senhor Jesus Cristo, ousaria fazer outra coisa?”<sup>38</sup>.*

*“Parece-me que o primeiro meio que nos ajudaria a portar-nos como verdadeiras Filhas da Caridade é o de estar sempre dispostas a praticar a santa obediência, a fim de cumprir a vontade de Deus”<sup>39</sup>.*

Hoje, é necessário redescobrir os fundamentos evangélicos da obediência para superar as dificuldades próprias de nosso tempo. Assim, a liberdade e a autonomia pessoal são valores muito apreciadas em nossa cultura, elas podem se transformar em individualismo e programação pessoal de vida. Elas podem também nos ajudar a crescer em maturidade de espírito e no exercício da responsabilidade pessoal... *“A obediência a Deus é caminho de crescimento e, por isso mesmo, de liberdade da pessoa, uma vez que permite acolher um projeto ou uma vontade diferente da própria que não só não mortifica ou diminui, mas que funda os alicerces da dignidade humana. Ao mesmo tempo, a liberdade é, em si, um caminho de obediência, pois é obedecendo como filho ao plano do Pai que a pessoa que crê realiza o seu ser livre. É claro que, uma tal obediência exige de reconhecer-se como filho e de alegrar-se em ser filho, posto que somente um filho e uma filha podem entregar-se livremente nas mãos do Pai, exatamente como o Filho Jesus, que se abandonou nas mãos do Pai”<sup>40</sup>.*

O plano de Deus é que a pessoa humana seja feliz, chegue à plenitude de sua realização como filho de Deus. Buscar a vontade de Deus é algo grande, belo; encontrar a vontade de Deus e realizá-la enche o coração de felicidade, de alegria.

### **Que novos sulcos estamos dispostas a traçar para continuar avançando na vivência da obediência, à escuta do Senhor?**

Com esta carta, desejo expressar a cada Irmã o quanto eu estou unida a todas nesta caminhada espiritual que nos conduzirá ao 25 de março de 2009. Meu pensamento se volta particularmente para as Irmãs que sofrem, aquelas são confrontadas por situações de dificuldade extrema. Asseguro-lhes as nossas orações e confio-lhes também à Companhia do céu, às nossas Santas e Bem-aventuradas, conhecidas e desconhecidas.

---

Agradei em nome de cada Irmã o Padre Gregory por seu dinamismo alegre e por toda atenção que ele dedica à Companhia. Transmiti também ao Padre Javier nosso reconhecimento por seu acompanhamento precioso. Com todas vocês, saúdo também com um reconhecimento respeitoso e afetuoso o Padre McCullen, o Padre Maloney, o Padre Quintano, Mère Duzan e Mère Elizondo.

Permitam-me terminar esta reflexão, implorando a intercessão da Virgem Maria sobre cada uma de nós e toda a Companhia.

*“Ó Mãe clemente e piedosa, “Tu que fizeste a vontade do Pai, pronta na obediência”, torna a nossa vida atenta à Palavra, fiel na sequela de Jesus Senhor e Servo na luz e com a força do Espírito Santo, alegre na comunhão fraterna, generosa na missão, solícita no serviço aos pobres, protegida em direção ao dia em que a obediência da fé desaguara na festa do Amor sem fim”<sup>41</sup>.*

Com minha dedicada afeição e a certeza de minha oração na intenção de cada uma de vocês,

Irmã Evelyne Franc  
Filha da Caridade

**Notas:**

Ap 15, 3-4.

<sup>2</sup> Sl 139, 5.

<sup>3</sup> 1Co 3, 6.

<sup>4</sup> Ef. 3, 16.

<sup>5</sup> Sl 103 1, 14-15.

<sup>6</sup> Sl 64, 10-14.

<sup>7</sup> Os 10, 12.

<sup>8</sup> C. 49.

<sup>9</sup> Cf. C. 22a.

<sup>10</sup> Bento XVI, Homilia de abertura da XII Assembleia geral ordinária do Sínodo dos Bispos; 5 de Outubro de 2008.

<sup>11</sup> Jer 4, 3.

<sup>12</sup> Cf. XI de Coste, página 83

<sup>13</sup> Santa Luísa, L. 40; Escritos, pág. 674.

<sup>14</sup> Cf. C. 21c.

<sup>15</sup> Cf. Mt 18, 20.

<sup>16</sup> Cf. Sl. 117

<sup>17</sup> Dies Domini. João Paulo II; 31 de maio de 1998 sobre a santificação do domingo.

<sup>18</sup> C. 16b.

<sup>19</sup> Coste IX, página 59

<sup>20</sup> Coste X, página 127

<sup>21</sup> João Paulo II; Assembleia geral de 1979-1980.

<sup>22</sup> Cf. C. 24.

<sup>23</sup> Cf. C. 25c.

<sup>24</sup> C. 29a.

<sup>25</sup> C. 29b.

<sup>26</sup> Vita consecrata n° 88.

<sup>27</sup> Cf. 2 Co 4, 7.

<sup>28</sup> Evangelium vitae, n° 101.

<sup>29</sup> Jo 10, 10.

<sup>30</sup> Is 43, 4.

<sup>31</sup> C. 30a.

<sup>32</sup> Santa Luísa, L. 489. Escritos, página 588.

---



<sup>33</sup> Conferência, página 57.

<sup>34</sup> Mc 6, 8-9

<sup>35</sup> Centesimus annus n° 58.

<sup>36</sup> Cf. Ex 15, 2.

<sup>37</sup> C. 31a.

<sup>38</sup> Conf. página 367.

<sup>39</sup> Santa Luísa, A. 60. Escritos, página 901.

<sup>40</sup> O serviço da autoridade e da obediência, n° 5.

<sup>41</sup> Ib n° 31.

PADRE GREGORY GAY, SUPERIOR GERAL

Roma, 25 de fevereiro de 2009.  
Quarta feira de Cinzas

*Aos membros da Família Vicentina,*

Queridos irmãos e irmãs,

Que a graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo estejam em seus corações agora e sempre!

*“Cria um espaço em meu albergue. Abre meu coração. Vem Senhor, nesta pessoa sozinha, naquela que tem sido esquecida, neste prisioneiro sem esperança, nesta criança indesejada, neste forasteiro, nesta pessoa que sofre de AIDS, neste excluído a quem ninguém ama. Senhor, tu vens, eu o vejo. Sejas bem-vindo, Senhor, entra. Teu quarto está preparado”.* (Irmã Catherine Madigan, fc)

Depois que escrevi minha carta de Advento e prometi que em minha carta de Quaresma iria continuar a falar de alguns pontos que eu tinha mencionado, recebi numerosas reflexões a respeito de pessoas para as quais não há lugar. Muitas enumeraram diferentes exemplos tais como: os desempregados, os migrantes, aquelas e aqueles cuja cultura, língua, cor da pele é diferente. Vivemos num mundo cheio de preconceitos. Cada um de nós e, talvez, todos nós, temos nossos próprios preconceitos que devemos examinar e aos quais devemos nos confrontar para nos curar deles.

Todos nós temos, de uma maneira ou de outra, excluído pessoas, talvez mesmo aquelas com as quais vivemos em nossas comunidades e associações. Pode acontecer que olhando os outros, achemos estranhos só porque eles pensam de modo diferente. Talvez são negligentes, bebem muito, são muito barulhentos ou muito silenciosos. Temos muitas desculpas para simplesmente ignorá-los.

Com a recente crise econômica que atinge o mundo, um egoísmo acentuado que de um ponto de vista moral está na origem da crise, pode, mesmo entre as melhores pessoas de boa vontade, suscitar atitudes que tendem proteger o que me pertence, privando os outros da minha ou de nossa generosidade. Agimos assim, pessoalmente, como família, associação ou comunidade. O resultado é que são os mais pobres dentre os pobres os que mais sofrem. Eles sentem simplesmente um grande abandono quando os outros se afastam e se voltam ainda mais sobre si mesmos.

Às vezes dizemos, simplesmente, que não há o suficiente para todo mundo. E respondemos dizendo “sinto muito”, ou “sentimos muito”. Comigo acontece de dizer a mesma coisa a muitos e legítimos pedidos de ajuda para aquelas e aqueles que vivem na pobreza.

Durante este tempo de Quaresma perguntemo-nos se nós não agimos demasiado depressa para nos proteger e proteger nossos próprios interesses. Precisamos refletir mais uma vez, sobretudo durante este tempo de penitência, o que nos ajuda a tomar consciência de nossas necessidades e de nossa pobreza. Em outros termos, precisamos refletir em nosso espírito de sacrifício, ou ao que nós

chamamos em nossa tradição vicentina, a virtude de mortificação. A raiz desta palavra significa morrer à si mesmo, sacrificar-se, colocar o outro em primeiro lugar. Isto exige levar em consideração as necessidades e as preocupações dos outros. O oposto da mortificação é o egoísmo, a preocupação com o seu próprio bem-estar, a busca de seus próprios interesses. Estas atitudes dominam o mundo no qual vivemos hoje.

Praticar a arte da mortificação é uma oportunidade para nós, como se costuma dizer, de apertarmos o cinto, viver mais simplesmente, de modo que aqueles que normalmente estão embaixo da escala social, sintam menos os efeitos da crise que de ordinário. Pedem-nos que invertamos o cenário de modo que sejamos nós e não eles os que sintam o sofrimento. São Vicente praticou isto constantemente quando chamava os pobres nossos Senhores e Mestres. Não falava de uma relação de igualdade, mas ia ao outro extremo para criar uma relação mais equilibrada.

Às vezes, somos lentos para entender o que São Vicente quer nos ensinar ao colocar os pobres antes de nós. Ao invés de nos voltar para nós mesmos nesta época de crise, de nos envolver em nossas próprias atitudes egoístas, façamos de modo que este tempo de Quaresma seja um tempo de solidariedade.

Como o vemos nos Evangelhos da Quaresma, Jesus é pouco a pouco rejeitado e, finalmente, abandonado tal como o foram ele e seus pais no dia em que nasceu. Ele viveu um abandono total no alto da cruz. Somente alguns fiéis permaneceram: “Junto à cruz de Jesus estavam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, a mulher de Cléofas, Maria Madalena” (Jo 19, 25) e João. Cada um deles, Maria, Maria Madalena e João tinha em comum um amor incondicional por Jesus. Maria, como só uma mãe pode amar; Maria Madalena, uma pecadora arrependida que atingiu seu limite e foi um amor verdadeiro que a levantou, o amor incondicional de Jesus transformou sua vida; e João, o amor de um amigo verdadeiro e de um discípulo fiel.

De uma maneira ou de outra, Jesus em sua experiência de abandono: “Por que me abandonaste?” (Mt 27, 46), como o expressa seu grito na cruz, mais tarde, sentiu a presença íntima de seu Pai que o cobriu com uma nova vida na e pela ressurreição. Fica cheio do poder de cura de seu Pai, a vida nova lhe é dada para que outros tenham a vida. Jesus dota seus discípulos com a mesma capacidade de dar uma vida nova.

Frequentemente, nós pensamos na cura como algo extraordinário. Às vezes, esperamos milagres para sermos renovados. Certamente, existem maneiras extraordinárias pelas quais Deus entra na história humana e permite que o impossível se realize com uma vida nova e um novo modo de vida. E, portanto, frequentemente quando esperamos que algo extraordinário aconteça, deixamos as ocasiões de mudança escapar.

O poder de cura de Deus pode não ser extraordinário. É o amor de Deus que cura. No Evangelho de Marcos, o leproso diz, “Se queres, podes purificar-me”. E Jesus compadeceu-se dele, estendeu a mão, tocou-o e lhe disse: “Eu quero, sê purificado”. E imediatamente o leproso foi curado (Mc 1, 40-42). Estes gestos humanos muito simples e estas ações que vêm do coração de Jesus mudam a vida do leproso.

Foi o poder do amor de Deus na vida de Jesus que curou. A compaixão de Jesus por ele não foi tão extraordinária, mas bem comum. O amor de Deus nos uniu a Jesus restaurando a nossa humanidade, ele nos torna capazes de sermos doadores de vida nova.

As Nações Unidas declararam este ano de 2009 como o ano da Reconciliação, considerando em particular a reconciliação nos países do mundo que estão atingidos pela guerra e divididos por causa das numerosas formas de violência, conflitos e pobreza. A reconciliação é tanto civil quanto espiritual. Uma das consequências desta reconciliação ativa que nos reúne e nos coloca mais uma vez de pé é a eliminação de toda idéia de que os outros possam ser abandonados ou deixados de lado. Todos nós fazemos parte de um todo e somos convidados a viver em harmonia uns com os outros. A

harmonia ou a renovação de todo nosso ser é a consequência da graça do Sacramento da Reconciliação bem como a consequência do diálogo entre as nações que se esforçam para chegar à paz num espírito de boa vontade.

Trabalhar pela harmonia e a reconciliação não é um ato isolado. Exige um esforço de colaboração por parte de todos os povos. Ouso esperar que todos os membros da Família Vicentina vão trabalhar para se tornarem construtores da reconciliação, da paz e da justiça no mundo em que vivemos.

Como Irmã Marie Poole sublinhou na *Collaboration of St. Vincent and St. Louise*, 2008<sup>42</sup>, podemos aprender muito de nossos fundadores, Vicente e Luísa que foram destinados a comunicar e a trabalhar juntos numa harmonia extraordinária. Vicente e Luísa desenvolveram um espírito de igualdade que engloba a complementaridade e a comunhão, uma reciprocidade que vai bem além da simples colaboração. Que o fogo aceso na relação que eles teceram entre eles, seu amor e seu serviço às pessoas que vivem na pobreza continuem vivo hoje na Família Vicentina internacional. Como família, somos motivados a viver de sua sabedoria, a tomar como modelo a capacidade que tiveram em construir pontes entre as classes da sociedade e incluir na tomada de decisão e a tomada de responsabilidade, as pessoas com as quais e para as quais somos enviados.

Isto resume o que esperamos realizar aprofundando nosso próprio conhecimento de mudança sistêmica, uma maneira contemporânea de viver nossa espiritualidade vicentina hoje, caminhando cheios de esperança ao lado daquelas e daqueles que vivem na pobreza.

Como família, somos chamados, assim como Vicente e Luísa o foram, a reconhecer e aceitar nossos talentos bem como nossos limites e nossa capacidade de trabalhar de maneira independente e portanto conjuntamente. Assim como nunca teve qualquer competição entre Vicente e Luísa, Deus deseja que nunca haja qualquer competição entre os ramos da Família Vicentina. Apesar de nossas diferenças, e Vicente e Luísa tiveram as suas, deixemo-nos consumir pelo amor de Deus e por nosso amor aos mais necessitados. Eles são nossa prioridade. Deus é o autor de tudo o que fazemos e o que nós fazemos juntos, em solidariedade com os pobres. Vicente e Luísa puderam contar um com o outro em todas as circunstâncias, especialmente nos momentos difíceis, imitemo-los, sobretudo nestes tempos de instabilidade social, política, econômica e religiosa que vivemos.

Considerando que caminhamos juntos durante este tempo de Quaresma, façamos-o à luz de nossos Fundadores que representam o exemplo de uma verdadeira colaboração, de uma verdadeira parceria no serviço, um modelo para todos nós em cada um de nossos caminhos.

A Quaresma, meus irmãos e irmãs, é um tempo de abandono, um tempo de mortificação, um tempo de reconciliação, um tempo de colaboração e de solidariedade. A Quaresma é um tempo de harmonia e de paz. É um tempo para vida nova. É um tempo que nos faz passar da morte à vida, um tempo que nos faz sair de nós mesmos para ir ao encontro do outro e em direção ao Outro.

Que o exemplo e a intercessão de Maria, a mãe de Jesus, Maria Madalena e João nos permitam continuar firmes e fiéis ao pé da cruz, unidos em nosso amor incondicional por Aquele que nos amou primeiro. Que seja o amor de Cristo crucificado a nossa motivação.

Seu irmão em São Vicente,

G. Gregory Gay, C.M.

---

**Nota:**

*Colaboração entre São Vicente e Santa Luísa, 2008*

PADRE JAVIER ALVAREZ, DIRETOR GERAL

A Assembleia geral 2009

Com a Assembleia geral, encerra-se um período de tempo especial na Companhia, tempo conhecido como o “tempo das Assembleias”. Terá sido este um momento importante de busca comum, de oração ao Espírito, de diálogo e de discernimento para avançar pela senda do profetismo. Mas, não chegamos ao final, falta ainda a última etapa do caminho. Graças às contribuições das Comunidades e Províncias, poderemos logo mais escrever uma nova “página de esperança” para a Companhia, como dizia o Cardeal Pironio para qualificar cada Assembleia geral. Este acontecimento é muito importante, por isso, é bom que todas as Filhas da Caridade se preparem para esta, e não somente as Irmãs que vão participar dela diretamente. Com o objetivo de ajudar nesta preparação proponho-lhes esta reflexão.

### **AS ASSEMBLEIAS GERAIS NA LINHA DO TEMPO**

Na Companhia, começou-se a falar das Assembleias no tempo do Pe. Bonnet (1711-1736). Cada seis anos, as Visitadoras se reuniam na Casa Principal de Paris para deliberar todas juntas com o Superior geral, a Superiora geral e seu Conselho sobre as necessidades da Companhia e, evidentemente, para eleger a Superiora geral. Naquele tempo, havia apenas 14 Províncias que estavam na França e na Polônia. O termo “Assembleia geral” aparece oficialmente nas Constituições de 1954, embora naquele momento as Assembleias tenham apenas o objetivo de eleger a Superiora geral e seu Conselho. É o caso de Mère Lepicard reeleita na Assembleia de 1956 pelas 46 Visitadoras de então.

As coisas começaram a mudar na Assembleia seguinte, a do Pentecostes de 1962 (54 Visitadoras). É Mère Guillemain quem é eleita. Nesta época, a Igreja se preparava para viver uma forte renovação com o Concílio Vaticano II. Em sintonia com a Igreja, imbuída deste espírito eclesial, Mère Guillemain empreendeu um trabalho profundo de revisão na Companhia. Todas as Irmãs do mundo inteiro foram consultadas sobre o valor da vocação, a formação e a renovação do consuetudinário. Tudo isto foi uma preparação para uma nova compreensão do sentido das Assembleias gerais.

A renovação de todas as Congregações devia ser feita de acordo com o Decreto do Concílio Vaticano II *Perfectae caritatis*, *Motu Proprio Ecclesiae sanctae* e a Instrução *Renovationis causam*. À luz destes três documentos, o Padre Slattery e a Mère Guillemain convocaram a Assembleia geral de 1968-1969 para elaborar novas Constituições. A Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares outorgou à Assembleia geral o poder de legislar e de organizar Assembleias domésticas e provinciais. Nelas poderiam ser eleitas as delegadas para a Assembleia geral e elaborar os Postulados para apresentar. Depois, vieram as Assembleias de 1974 e 1979-1980 com o objetivo de continuar a revisão e a redação das novas Constituições e Estatutos. A primeira foi convocada pelo Padre Richardson e Mère Chiron, a segunda pelo Padre Richardson e Mère Rogé. Toda esta etapa das Assembleias gerais terminou com a aprovação das novas Constituições, pela Santa Sé, no dia 2 de fevereiro de 1983.

As Assembleias gerais de 1985 e 1991 tiveram por finalidade refletir sobre a identidade da Companhia a partir da vida. A de 1985, convocada pelo Padre Mc Cullen e Mère Rogé, teve que tratar de alguns aspectos jurídicos com a publicação do novo Código de Direito Canônico. A Assembleia de 1985 centrou sua reflexão nestes três temas: *o Espírito da Companhia, a evangelização e o estilo de*

vida. O documento final: *Na encruzilhada*, tentou sintetizar toda a reflexão da Assembleia. A de 1991, convocada pelo Padre Mc Cullen e Mère Duzan teve por tema *A Filha da Caridade no mundo e para o mundo de hoje*. Nesta Assembleia, depois de uma reflexão em comum, redigiu-se e foram acrescentados três artigos aditivos às Constituições e três outros aos Estatutos. Todos estes artigos foram aprovados por Roma no dia 31 de agosto de 1991. O documento final teve por título: *Junto ao poço de Jacó*<sup>1</sup>

Em 1997, pela sexta vez, a Companhia, de acordo com suas Constituições, realiza uma nova Assembleia geral, convocada e presidida pelo Padre Maloney e Mère Elizondo. Nela procedeu-se uma revisão de vida (*Inculturação do carisma num mundo em mutação*), concretamente da vida fraterna e do estilo de vida. Uma proposição que pedia a revisão das Constituições à luz da inculturação foi aprovada. O documento final, *Um fogo novo*, tentou comunicar o espírito da Assembleia a toda a Companhia. Com o tema, Chamadas a revitalizar, Padre Maloney e Mère Elizondo convocaram a Companhia inteira em 2003 para revisar as Constituições de 1983. O fruto desta Assembleia concretizou-se nas Constituições renovadas segundo as orientações da Igreja, o atual Código de Direito Canônico de 1983, o carisma dos Fundadores e os sinais dos tempos. *As Linhas de Ação 2003-2009*, elaboradas em seguida pelo Conselho geral, a partir das orientações dadas pela Assembleia, foi também um fruto desta Assembleia.

Depois deste breve percurso histórico, podemos tirar duas conclusões:

1. As Assembleias gerais, tal como se realizam hoje na Companhia, começaram com a Assembleia extraordinária de 1968-1969. Desde então, sete Assembleias gerais foram realizadas e a próxima será a oitava. Podemos afirmar que as Assembleias (gerais, provinciais, locais) contribuíram de maneira decisiva à renovação da Companhia, das Províncias e das Comunidades, em dois planos: quatro Assembleias foram dedicadas à elaboração e à atualização das Constituições e, com elas, à renovação da vocação e da vida das Filhas da Caridade. Três outras Assembleias lançaram a Companhia para o futuro, a partir de uma análise e de um discernimento dos valores e dos contra-valores de nosso mundo.

É impossível especificar a que ponto as Assembleias gerais foram benéficas para a vida da Companhia e das Irmãs. Mas, sem dúvida alguma, a porcentagem de benefício foi elevada, se olharmos a evolução da Companhia estes últimos 40 anos, as excelentes Constituições que elas produziram e o bom acolhimento aos diversos documentos elaborados pelas Assembleias. Elas têm aberto caminhos e favorecido a atualização do carisma. É verdade que a Companhia não seria a mesma sem estas últimas Assembleias gerais.

2. A Companhia viveu dois diferentes estilos de Assembleia: as primeiras foram legislativas para elaborar as Constituições. A de 2003, cuja finalidade foi renová-las, teve também o mesmo estilo. É normal que uma Assembleia legislativa, cuja finalidade é redigir textos jurídicos, desenvolva-se em caráter jurídico: debate sobre idéias e palavras, importância dos Postulados, rigor no método de trabalho... No entanto, a Companhia tem também a experiência de Assembleias mais “pastorais”. As de 1985, 1991 e 1997 tiveram por tema de reflexão, temas atuais, embora tenham reservado um certo tempo para elaborar alguns artigos adicionais às Constituições. O estilo é um pouco diferente: houve mais debates sobre idéias do que sobre palavras, proposições mais do que em Postulados, o método oferecia mais possibilidades criativas... Este tipo de Assembleia produziu um documento final que foi uma boa motivação para a Companhia. Como as Constituições e os Estatutos já estão renovados perfeitamente, parece lógico que as próximas Assembleias gerais terão uma forma marcadamente “pastoral”, com o método apropriado ao tema e ao objetivo de cada uma delas. A de 2009 é um exemplo do que afirmamos.

## **A ASSEMBLEIA DE 2009**

### **1. Participação de todas as Filhas da Caridade**

Esta reflexão na Assembleia geral se dirige, não só aos membros da Assembleia que estarão em Paris durante o mês de maio e parte do mês de junho, mas a todas as outras Irmãs que ficarão nas Províncias. Porque uma coisa é certa: a Assembleia geral é obra de todas as Irmãs e, sem a colaboração de cada uma, não poderá se realizar. Com efeito, é sobre as sínteses, as proposições e os postulados das diferentes Assembleias provinciais que a Assembleia geral vai refletir. E, se as Assembleias provinciais puderam ser realizadas, foi graças aos subsídios das Assembleias domésticas. Como podem constatá-lo, na base da Assembleia geral encontra-se o trabalho de todas as Filhas da Caridade.

Teoricamente ninguém duvida que a Assembleia: é de interesse de toda a Companhia e não só das Irmãs que vão participar desta diretamente. Na prática pode parecer um pouco difícil compreender que todas as Irmãs deveriam participar da mesma. Daí a importância de refletir sobre os vínculos de união que devem ser estabelecidos entre as Comunidades, as Irmãs e a Assembleia. Uma maneira importante de estar em contato com a Assembleia será através da oração comunitária e pessoal. Assim como aconteceu com a primeira Assembleia do Pentecostes, o Espírito pode dar ainda hoje, luz e força (cf. At. 2, 1-18). Pelo mistério da comunhão dos Santos, das orações dirigidas a Deus com uma intenção bem determinada, têm uma grande força. Façamos uma comparação: numa sala, as lâmpadas são necessárias, mas a rede de cabos elétricos que levam a energia também, embora não estejam visíveis. Esta comparação pode nos ajudar a entender o sentido e a importância da oração feita a Deus pela Assembleia.

Outro vínculo de união com a Assembleia é a informação que assiduamente deverá chegar a todas as Províncias e que contribuirá para manter o interesse de todas pelo seu bom desenvolvimento. Os meios de comunicação modernos tornam a Assembleia bem presente às Comunidades que seus membros podem quase ser ouvintes da mesma. Estar ao par de toda a informação é uma excelente oportunidade para reforçar o sentido de pertença à Companhia e, evidentemente, levar tudo isto à oração. Não parece contraditório afirmar que, num futuro próximo, as possibilidades das novas tecnologias serão tão grandes que permitirão novas formas de participação que, no momento, não podemos nem mesmo imaginar.

É normal que a Assembleia faça uma síntese de suas reflexões num Documento de trabalho, que será desenvolvido durante os próximos anos. Isto é um outro tipo de vínculo entre as Irmãs, as comunidades e a Assembleia geral. Este Documento será a representação do trabalho da Assembleia que a Companhia poderá oferecer a cada Irmã. Cada uma poderá considerá-lo como um resumo do espírito da Assembleia. Cada documento representa para a Companhia uma nova etapa que a impulsiona a ir mais longe na vivência, na inculturação e na atualização do carisma. Este Documento tirará toda sua força de sua concepção sob a moção do Espírito. Convictas desta realidade, as Irmãs a aceitarão com reconhecimento. Não podemos querer que o Documento reflita tudo o que foi vivido na Assembleia nem os detalhes da organização. No entanto, as Irmãs que participam da Assembleia deverão esforçar-se para “recriar” em suas Províncias o espírito da Assembleia; assim, compreenderão melhor como os compromissos escritos foram tomados. Quanto mais informação for dada sobre o desenvolvimento da Assembleia, mais as Irmãs e as Comunidades se implicarão na seqüência a ser dada a este novo Documento.

## **2. Experiência humana, espiritual e discernimento.**

Eis o que é uma Assembleia geral. É evidente que, as ações são numerosas, variadas, interessantes, mas todas têm a mesma finalidade, buscam instaurar um clima que facilite a escuta, a partilha e a busca em comum.

A experiência humana, o contato pessoal com outras Irmãs que trabalham e vivem em lugares e contextos culturais diferentes, que têm outro idioma, outra maneira de se expressar, outra sensibilidade diante das coisas, mas que são animadas pelo mesmo espírito vicentino, é sem dúvida alguma, a fonte de um enriquecimento considerável. É a experiência da internacionalidade, uma ocasião privilegiada para alargar os horizontes. A Assembleia representa, melhor do que qualquer outro encontro, “*a unidade na diversidade*” da qual nos fala o artigo 61 das Constituições.

A Assembleia oferecerá as condições necessárias para que os membros possam chegar a uma verdadeira experiência espiritual. Os momentos de oração comunitária, os espaços prolongados de silêncio, os momentos de partilha da Palavra de Deus, uma liturgia bem integrada no processo da Assembleia, em relação com os momentos que se está vivendo..., tudo isto será importante para viver uma experiência espiritual comunitária e para que o discernimento seja uma realidade. A liturgia e as Eucaristias devem levar a experimentar, a louvar o Deus da vida que se manifestou e que salva através da Igreja e da própria Companhia. O tempo litúrgico da Páscoa permitirá, melhor do que nenhum outro tempo litúrgico, o encontro com o Deus da vida.

Portanto, serão necessários lugares bem adaptados e tempos suficientes para rezar, contemplar a realidade e discernir a vontade de Deus. É necessário tempo, para escutar a canção do mundo, seus clamores e o grito doloroso dos pobres e dos excluídos. Toda esta experiência espiritual prepara os corações para escutar o Espírito, deixar-se guiar por Ele, estar nas melhores condições para discernir bem. Viver a Assembleia como experiência espiritual permite continuar lendo a história da Companhia como a história de Salvação. O serviço do pobre continua sendo a grande missão que leva a Companhia a participar da mesma vida de Deus e a impulsionará a continuar o caminho e a buscar como ser profeta neste nosso mundo tão complexo.

Durante uma Assembleia geral, os membros devem discernir sempre; pensemos, por exemplo, nos trabalhos de grupos, nas comissões e nas sessões plenárias. As partilhas, também, ajudam no discernimento, pois dão critérios de reflexão. Talvez a palavra “discernimento” nos faça pensar num processo muito complicado e técnico; na realidade, não é isto; as coisas de Deus não podem ser tão complicadas que seja impossível encontrar sua Vontade. O discernimento feito durante a Assembleia é uma busca daquilo que Deus pede hoje à Companhia. Para todas as Irmãs, a atitude fundamental é ter reta intenção. Se não há esforço para descobrir o plano de Deus, este permanecerá escondido porque Deus não se impõe pela força e nem abre as portas contra a vontade de seus moradores. Ele sugere, insinua, sussurra. Não está na tempestade nem no furacão, mas na “brisa suave”, segundo a experiência vivida pelo profeta Elias no monte Horeb (cf. 1 Reis 19, 11-14). Esta “brisa suave” foi bastante forte para mostrar o caminho ao profeta. Mas, para escutá-la, é preciso o silêncio ativo da oração. No discernimento, a oração nos leva a sintonizar com a onda de Deus e a superar nossos próprios interesses. “*A causa mais comum de erro no discernimento - diz John Carroll Futrell - está no fato de que, aqueles que o praticam não rezam, tão simples quanto isto possa parecer*”<sup>2</sup>. Não pode haver discernimento se não houver oração.

Outra disposição pessoal para o discernimento é a liberdade interior que leva a despojar-se de todo apego, preconceito, paixão. Desprender-se da autosuficiência e do desejo de dominar. Geralmente, somos muito apegados à nossas idéias e, mais ainda, aos nossos “argumentos afetivos”. A liberdade interior permite tomar uma certa distância frente aos assuntos a discernir. Esta liberdade purifica nossos sentimentos afetivos que não estejam em conformidade com a vontade de Deus.

Todas estas atitudes indispensáveis garantem um bom discernimento cristão e vicentino a fim de ver como viver nossa vocação em nosso mundo, hoje. A qualidade do discernimento cristão e vicentino dos membros das Assembleias depende destes dois critérios indispensáveis: o carisma e o conhecimento da realidade de nosso mundo atual. Claro que, é necessário conservar o carisma vicentino, é o DNA da vocação das Filhas da Caridade, a razão de ser da Companhia na Igreja. Mas o carisma vicentino, sozinho, não permite descobrir o que Deus pede hoje da Companhia para que esta seja profética. A Companhia deve fazer um esforço para responder às pobreza atuais através de um comportamento e de um estilo de vida que possa ser compreensível aos nossos contemporâneos.

Este é o segundo pólo que deve orientar a reflexão da Assembleia. Portanto, para ser fiel à sua vocação, a Filha da Caridade deve conhecer a cultura atual para ser capaz de entrar em relação com os homens e mulheres de hoje. É o que a Igreja nos propõe em *Perfectae Caritatis* n° 2. Os dois critérios (carisma e realidade atual) são os dois princípios fundamentais para o discernimento na Assembleia. Diante de um assunto importante, por exemplo, é necessário fazer estas duas perguntas:

Isto está em conformidade com o espírito vicentino? É necessário, conveniente, útil, profético para nosso tempo? Se o discernimento é feito a partir de um único critério, ele está incompleto.

Para discernir bem alguns assuntos, é necessário estudá-los com uma grande pureza de intenção, analisá-los, buscar soluções e tomar decisões. Durante a Assembleia, há tempos de reflexão pessoal e de partilhas em grupo ou em sessão plenária. O discernimento supõe levar a sério a reflexão e a partilha, pois, o Espírito não age sozinho, mas por intermédio de pessoas concretas. O Espírito não anula nada nem ninguém, ele amplia, multiplica, utiliza a mesma via da inteligência dos membros da Assembleia para transmitir a luz. Saber escutar a todos, é abrir-se ao Espírito. Em seguida, a reflexão pessoal permite pronunciar-se a favor ou contra o que é proposto. Depois de ter refletido e escutado os outros, sentimo-nos inclinados a aceitar ou rejeitar uma proposição: é a “moção do Espírito” que excede a dimensão do intelecto para chegar ao coração da pessoa. A Assembleia é uma boa experiência de discernimento.

### **3. Com o tema “Profecia e esperança agora e em toda parte”.**

Não pretendo desenvolver aqui o tema da Assembleia. Já houve vários artigos sobre este assunto, e todas as Filhas da Caridade, certamente, os aprofundaram através de leituras e reflexões. Com a Assembleia, é o momento de “concretizar o tema”, expressá-lo através de proposições capazes de revitalizar um pouco mais a Companhia. O tema tem o mesmo papel da bússola para os navegantes: ajudá-los a não se perder, orienta a reflexão, impulsiona a Companhia a fazer proposições atuais e operacionais do carisma no amplo e variado cenário de nosso mundo. Deste modo, podemos evitar o risco de permanecer presos em alguns probleminhas internos. Portanto, é necessário, saudável e aconselhável abrir as janelas para olhar abertamente as inquietações e as esperanças da Igreja e do mundo, deixando-se tocar por seus verdadeiros problemas, libertando-nos assim de uma contemplação estéril. Melhor que qualquer outro, o tema nos impulsiona a olhar o mundo e nos centrar bem nas preocupações dos pobres.

Através das questões ou das proposições concretas que serão estudadas durante a Assembleia, a Companhia buscará como ser mais profética neste mundo ou como diz a Escritura, ser fermento na massa (cf. Mt 13, 33). Buscará também como ser portadora de esperança aos pobres que são, cada dia, mais numerosos, tendo que enfrentar dificuldades cada vez maiores, sobretudo no primeiro mundo. O profetismo e a esperança são as duas faces de uma mesma moeda: um profeta incapaz de suscitar esperança é um profeta afônico. A Companhia deverá dizer algo às Irmãs e às Comunidades para motivá-las a serem sempre mais fiéis ao carisma. A Assembleia é um momento oportuno para fazer os Fundadores falarem; o tema “profecia e esperança” nos fará captar, ainda mais, o quanto a voz deles é sempre atual. A Assembleia também refletirá em suas estruturas para que sejam fiéis ao carisma. Pois, quanto mais o carisma resplandecer com sua pureza, mais será profético em nosso mundo.

O Documento final nos dará certamente motivações e orientações para viver nossa vocação de uma maneira profética. Assim, a Assembleia terá alcançado seu objetivo.

Padre Javier ÁLVAREZ,

*Diretor geral*

#### **Notas**

<sup>1</sup> cf. M. Lloret *As Assembleias na Companhia*, "Ecos da Companhia", março de 1991 p. 101-104

<sup>2</sup> J.C. FUTRELL, *O discernimento espiritual*, Cerf 1982



## Pista para o Retiro Mensal

### **“É preciso nascer de novo” (Jo 3, 8)**

Estamos na Quaresma. A Igreja nos diz que se trata de um tempo forte, tempo de preparação para a Páscoa. Com efeito, antes de qualquer acontecimento importante, precisamos de uma preparação apropriada. Além disso, se o que se espera não é algo, mas Alguém, então a preparação deve ser feita com mais cuidado. E se esse Alguém é muito importante ou muito querido, é necessário, realmente, colocar em ação todas as capacidades pessoais. “*Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde – dizia a raposa ao príncipezinho na magnífica obra de Santo Exupéry – desde as três eu começarei a ser feliz*”. Para a “*passagem do Senhor*” é necessário preparar a mente e o coração. As duas coisas, porque não basta só conhecer a realidade, é necessário senti-la. Não esqueçamos que a distância que vai da mente ao coração é maior do que parece.

### **A CONVERSÃO PRÓPRIA DA QUARESMA**

A conversão não é uma questão de mais ou menos: jejuar um pouco mais, olhar menos televisão, aumentar o tempo da oração, diminuir o tempo de repouso, algum sacrifício mais, uma despesa a menos... A conversão é algo mais radical, embora algumas práticas, como essas que acabamos de mencionar, possam servir como meios. Trata-se de uma mudança do ser, algo como um morrer e ressuscitar, como um renascer. É o que dizemos algumas vezes quando nos encontramos com pessoas incorrigíveis, mal estruturadas: precisariam ser refeitas, com outros moldes, deveriam “*nascer de novo*”. É exatamente o que Jesus disse a Nicodemos em Jo 3, 5-8.

A conversão à qual a Igreja nos chama é algo mais do que um retoque ou uma simples pintura. Trata-se de uma nova programação: “*um olhar novo*” como os olhos de São Paulo para olhar tudo de modo diferente, ou como os de São Vicente a partir do ano de 1617; “*uma mente nova*”, para mudar o que é necessário mudar, idéias, desejos, critérios...; “*um coração novo*”: mais transparente, maior, mais forte, mais misericordioso, mais simples... Este processo não se consegue só com nossos desejos e esforços. É tão radical e tão superior que é realmente obra do Espírito e de sua graça. Aqui, o nosso papel é de nos abandonar e de confiar. Aquele que desejar se converter sozinho, nunca o conseguirá. Por conseqüência, a conversão é mais fruto da gratuidade do que do esforço. O famoso teólogo P. Tillich gostava de dizer que “*um santo é um pecador de quem Deus teve misericórdia*”. Mais importante do que estar livre de pecado, é deixar que nossos pecados sejam controlados pela Misericórdia.

Na Quaresma, a referência a Deus é essencial. Mas antes de nossa resposta, há o Seu apelo. A palavra, os sinais, os sacramentos, as celebrações, os espaços consagrados, a oração ou a revisão, os exemplos, os compromissos, toda a Liturgia, tudo isto é um contínuo apelo de Deus à nossa porta, porque Ele quer celebrar sua Páscoa conosco (cf. Ap 3, 20). Ele tem muitos modos de chamar e de se fazer presente. Pode servir-se de uma surpresa, de uma alegria, de uma correção, de um sofrimento, de um acontecimento qualquer. São Vicente captou perfeitamente a prioridade desta ação divina e a expressou nesta frase bem impressionante: “*Oh, não gostaria de ir a Deus, se Deus não vier a mim primeiro*”<sup>1</sup>. As parábolas evangélicas da misericórdia ratificam esta verdade teológica.

### **ATTITUDES QUE FACILITAM E, AO MESMO TEMPO, NASCEM DA CONVERSÃO**

#### **ALEGRIA**

Para aquele que sabe realmente o que é a Quaresma, não é algo de antipático. É um tempo feliz, fecundo. *“Quando jejuardes, não tomeis um ar triste como os hipócritas, que mostram um semblante abatido para manifestar aos homens que jejuam... Mas, quando jejuares, perfuma a tua cabeça e lava o teu rosto...”* (Mt 6, 16 - 17). Falar-se-á de austeridade, mas para nos motivar a sermos mais solidários; de despojamento, com o propósito de sermos mais livres. Perder-se-nos-á para jejuar, a fim de apreciar mais o Banquete. Falar-se-á em partilhar, seremos convidados a rezar para manter vivas as outras dimensões de nossa vocação. Propor-nos-ão inclusive de morrer, mas com um único objetivo: o de viver... e assim por diante. A Quaresma nunca visa a morte, a diminuição, a pusilanimidade, mas a vida, a plenitude, o que é autêntico e isto dá alegria e felicidade. *“Alegrai-vos sempre no Senhor. Repito: alegrai-vos!...”*, dizia sempre São Paulo aos Filipenses (cf. Fil 4, 4; I Tes 5, 16).

## **ESCUITA**

*“Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos, eu com ele e ele comigo”.* (Ap 3, 20). Ter uma atitude de escuta significa estar atento aos apelos do Senhor: Ele fala através das pessoas, do que elas dizem e necessitam, do que elas sugerem. Na comunidade pode ter Irmãs que precisam de ajuda. E esta necessidade é a voz de Deus. Podemos dizer o mesmo dos pobres aos quais servimos. A Quaresma entra pela audição.

Na Quaresma, a Palavra de Deus nos chega com mais força. É um tesouro escondido (cf. Mt 13, 44-46). Mas, para poder possuir este tesouro, é necessário dedicar mais tempo à meditação, à contemplação. Somos conscientes de que um dos problemas da sociedade moderna é o atordoamento, o excesso de ruído (tanto externo quanto interno), o cansaço. Nestas situações, tudo pode deslizar. Mesmo se Deus nos envia muitas mensagens, não seremos capazes de decifrar nenhuma delas. Não importa quantos batem à porta, não ouvimos nada. Devemos absolutamente desconectar as tomadas, remover as pilhas. Isso se chama deserto e este deserto é bom, serve para nos desintoxicar.

## **AUSTERIDADE**

O deserto e a Quaresma são um apelo a nos abster de tudo aquilo que não é necessário e, ao mesmo tempo, fortalecer o que é indispensável; saber ressaltar, não o que brilha, mas o que tem valor. *“A vida de um homem... não depende de seus bens”*, recorda-nos Jesus no Evangelho (Lc 12, 15). Mas, a austeridade tem uma razão ainda mais importante: abster-se para partilhar com aquele que não tem. Na mesa do mundo, todos os seres humanos têm o direito de sentar-se. Caso contrário, traímos a mensagem de Jesus Cristo. *“Quando deres esmola, que tua mão esquerda não saiba...”*. Para Jesus, está claro (Mt 6, 3-4). Se quiseres converter-te diz o profeta Isaías, tens que *“Cessai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem. Respeitai o direito, protegei o oprimido; fazei justiça ao órfão, defendei a viúva”* (Is 1, 17).

## **ACOLHIMENTO**

Viver a Quaresma é vivificar os desejos de encontrar-se com Jesus Cristo num abraço transformador. Ele também tem *“ardentes desejos de comer sua Páscoa”* conosco (Lc 22, 15). Mas, se não somos capazes de sair das nossas próprias rotinas, logo esqueceremos que Ele está à porta. Capacidade de acolhida significa deixar tudo o que pode nos separar de Deus e colocar Jesus Cristo acima de todas as coisas. Isto significa um grande amor para acolhê-Lo no mais íntimo do nosso coração. Esta capacidade de acolhimento nos levará também, a abrir as portas a todos os mensageiros que o Senhor nos envia. Ele, Ele tem seus amigos, seus representantes, e nós devemos estar atentos a eles. Não devemos rejeitar nenhum deles, porque isso significaria rejeitar o próprio Jesus. Entre os seus mensageiros e amigos estão os pobres. Se conseguirem estar atentas aos pobres de sua casa e de sua obra, esta será a melhor acolhida que podem oferecer ao Senhor. A doutrina de São Vicente não pode ser mais oportuna.

## PARA A ORAÇÃO PESSOAL E COMUNITÁRIA

- Meditar o encontro transformador de Nicodemos com Jesus (cf. Jo 3, 1 - 21)
- Em sua situação concreta e pessoal, quais atitudes a adotar para que esta Quaresma seja “transformadora”?
- Como sua Comunidade viverá este tempo de Quaresma?

P. Javier Álvarez,  
*Diretor geral*

### Nota

<sup>1</sup> de São Francisco de Sales, frase tirada de Coste XI p. 221

### DESAFIOS ATUAIS

Província da Austrália, Ilhas Fiji e Cook

#### **Oficina artística do Centro Hutt Street em Adelaide (Austrália)**

Programa criado para promover  
os talentos artísticos das pessoas em dificuldade,  
notadamente os Aborígenes da Austrália.  
*“Pintar por prazer”*

A maioria dos australianos tem dificuldade em acreditar que existe uma pobreza extrema e sem-abrigo em seu país. Esta situação é sempre escondida e insidiosa.

### **Um pouco de história**

Em 1954, o Arcebispo de Adélaide, no sul da Austrália, convidou as Filhas da Caridade para começar um “Programa de pastoral” na paróquia da Catedral. Assim que chegaram, as Irmãs encontraram um grupinho de homens sem-abrigo que dormiam nos parques da vizinhança ou dividiam um quarto entre vários. Sem dinheiro, e dependendo inteiramente da divina Providência, as Irmãs tentaram responder às necessidades fundamentais destes homens.

Hoje, 50 anos depois, o Centro Hutt Street em Adélaide encontra-se em condições de responder às diferentes necessidades dos mais necessitados. Situado ao Sudeste da cidade, o Centro é frequentado por homens e mulheres que vivem nos parques, ocupam os imóveis dos arredores ou residem em hotéis baratos, pensões, alojamentos públicos ou administrados pela comunidade. O Centro atende aproximadamente 200 pessoas por dia através de diversos serviços: ajuda social, refeição, assistência médica, possibilidade de tomar um banho, lugar para guardar utensílios pessoais num vestiário.

Durante estes últimos anos, o número dos Aborígenes que chegam a Adélaide vindos de cidades isoladas do Norte e do Oeste da Austrália aumentou consideravelmente. Eles deixam seu país natal por razões de saúde, busca de emprego e de alojamento,... Chegando na cidade, depois de ter

deixado suas regiões desérticas, eles têm pouquíssimas possibilidades de conseguir um emprego ou um alojamento e manter seus vínculos. A estes problemas principais aos quais muitos Aborígenes devem enfrentar, acrescenta-se o pouco conhecimento que têm do inglês, a maioria se expressa em seus idiomas tradicionais. A cultura do deserto que lhes é própria é considerada como uma antiga cultura nômade que sofre marginalização e enfrenta dificuldades para se integrar aos ocidentais que vivem na capital.

### **Criação de oficina artística no Centro Hutt Street**

Há dois anos, comecei a trabalhar no Centro Hutt Street como responsável pela Pastoral. Então, pensei que a arte poderia ser um meio para entrar em contato com estas pessoas em dificuldade, sobretudo com os Aborígenes. A meu pedido, o Centro aceitou criar esta oficina “*Pintar por prazer*”.

No início, nós abríamos esta oficina uma vez por semana, toda pessoa era bem-vinda a vir aqui pintar, desenhar ou simplesmente conversar. No ano passado, constatamos um número crescente de participantes.

Atualmente, a oficina artística é aberta 5 dias por semana e a maior parte do tempo, os “artistas” chegam antes da abertura do Centro, impacientes para continuar sua obra.

Daí em diante, a oficina “*Pintar por prazer*” foi reconhecida pelos participantes do Centro Hutt Street e seu pessoal, como um verdadeiro espaço artístico, que preenche plenamente os objetivos do projeto inicial, oferecendo um lugar onde cada um é acolhido para pintar, desenhar ou simplesmente conversar com outros e com os membros do pessoal. Suas obras de arte cheias de vida, refletem sua cultura indígena e sua resposta aos desafios aos quais são confrontados “aqui e agora”. Os participantes mais antigos dão seu apoio aos recém-chegados e partilham com eles suas experiências. O trabalho artístico é valorizado e de alta qualidade. Algumas pinturas foram vendidas.

Assim, além do sucesso desta oficina artística e de reforçar a autoestima dos participantes, acolhemos um número sempre maior de pessoas em dificuldade, mas também de pessoas que colaboram com o Centro para sustentar sua ação. Aqueles que beneficiaram de um alojamento continuam sempre pintando em suas casas e vêm regularmente ao Centro para expressar sua amizade. Graças à oficina “*Pintar por prazer*”, outras ações foram empreendidas a serviço dos mais pobres.

Nas próximas semanas, Theresa Rein, esposa do Primeiro-Ministro da Austrália, abrirá uma exposição intitulada: “*Arte se encontra dentro de mim*” para artistas sem-abrigos. A exposição é fruto de uma estreita colaboração entre dois centros para sem abrigos que trabalham juntos em Adélaide. Para os participantes da oficina artística do Centro Hutt Street, esta exposição será o reflexo do progresso pessoal dos artistas aborígenes e de sua cultura, e a oportunidade de vender várias obras de arte.

Irmã Gwen TAMLYN  
*Filha da Caridade*

### VISITA DOS SUPERIORES

Irmã Evelyne Franc, Superiora geral  
e Irmã Margaret Barrett, Assistente geral

Visita do Quênia

7 - 11 de novembro de 2008

A sexta-feira, 7 de novembro de 2008, foi um dia de muita alegria para as Irmãs presentes no Quênia, pois foi um dia, marcado pela chegada de Irmã Evelyne Franc, Superiora geral e Irmã Margaret Barrett, Assistente geral. Reunidas na Capela do Seminário de Nairobi, conscientes da bênção deste encontro, as Irmãs rendem graças a Deus cantando.

Durante a visita, Nossa Superiora geral se reuniu com cada comunidade local bem como com numerosas pessoas que trabalham com as Irmãs.

Sábado, 8 de novembro, acompanhada por Irmã Margaret Barrett e Irmã Catherine Prendergast, Visitadora da Província da Irlanda, Irmã Evelyne viaja para a missão de **Chepnyal**, situada na montanha. Desde 2002, as Filhas da Caridade estão implantadas neste distrito situado a Oeste de Pokot. Para chegar lá, é necessário tomar uma estrada montanhosa, mal cuidada e atravessar várias regiões. A estrada segue ao longo de um rio, particularmente perigosa durante a estação de chuvas e, além disso, permite escalar montanhas com alturas vertiginosas a partir das quais se tem visões panorâmicas magníficas.

A alegria das Irmãs de Chepnyal foi imensa acolhendo as visitantes acompanhadas por Irmã Catherine Mulligan, coordenadora da missão do Quênia, as mulheres da aldeia, vestidas com costumes tradicionais Pokot, dançam em sinal de boas-vindas. Em seguida, Irmã Evelyne visita as diferentes atividades missionárias de Chepnyal: Creche Santa Maria, Escola primária das meninas, Centro linyough de educação familiar e de corte-costura para a promoção da mulher (na língua Pokot, a palavra “linyough” significa esperança e junto).

Depois de um acolhimento caloroso e das representações das crianças e jovens Pokots, os adultos da aldeia tomam a palavra e agradecem a Irmã Evelyne, por tudo o que a Comunidade fez, para responder às suas necessidades em relação à educação e à instrução das crianças, à promoção dos adolescentes, aos programas de desenvolvimento para mulheres, aos programas contra a excisão e às informações sobre a água. Irmã Evelyne fica comovida ao escutar seu reconhecimento e se alegra com eles, admirando tudo o que as famílias já tinham realizado com as Irmãs.

Depois de uma celebração de louvor, as visitantes voltaram à **Kitale** para ver a futura missão da nova paróquia São Kizito, em **Matissi**. As Irmãs as acolhem com o coral dos jovens da paróquia. Atualmente, as Irmãs avaliam as necessidades dos habitantes desta cidade onde o alcoolismo, a prostituição e o contrabando são os únicos meios de ganhar a vida.

De retorno a **Nairobi**, Irmã Evelyne visita o Centro Dream para pessoas portadoras de AIDS. Depois de ter rezado com os membros do pessoal do Centro, Irmã Evelyne os recebe pessoalmente, depois escuta suas explicações sobre o funcionamento do Centro onde servem 5 Filhas da Caridade.

A etapa seguinte foi **Thigio**. Lá, as Irmãs abriram: um Centro de Saúde e um Dispensário em janeiro de 2002, uma Creche em outubro de 2002, um Centro de formação técnica para as mulheres e uma sala de fisioterapia para jovens deficientes, em novembro de 2002, um programa de formação agrícola, em dezembro de 2002. Quando as visitantes chegam a Thigio, o sol brilha, o céu está magnificamente azul, as Irmãs e as Postulantes esperavam ansiosamente por elas. As jovens do Centro de formação vieram ao seu encontro para acompanhá-las até o Centro “Santa Luísa”. Ao longo do caminho, os idosos, os jovens deficientes de Kisima, as crianças da Creche e outras mulheres do Centro vieram saudar as visitantes.

Quando Irmã Evelyne e Irmã Margaret chegaram ao Centro Santa Luísa, uma senhora idosa rezou uma oração de louvor, depois ofereceu-lhes alguns presentes em nome dos grupos. Em seguida, Nossa Superiora geral e Irmã Margaret visitam os diferentes setores do Centro, saudando cada criança, cada jovem deficiente, cada idoso. Todos ficaram felizes com sua gentileza.

Em seguida, Irmã Evelyne e Irmã Margaret percorrem o povoado para visitar a casa de dois meninos deficientes de Kisima, levando para eles, alguns alimentos tradicionais (açúcar, milho, chá). Na volta, elas param no Centro de Saúde e no Dispensário. As Postulantes e as pré-Postulantes ficaram felizes de conhecê-las. Passando pelo setor de fisioterapia, Irmã Evelyne admira os cuidados dispensados às crianças pelos fisioterapeutas. Em seguida, ela descobre o Centro Cardeal Otunga com sua nova sala de acolhimento e biblioteca, inaugurados em janeiro de 2008, e a quadra de esporte e o ginásio que foram construídos recentemente.

No final da tarde, as Irmãs se reuniram para partilhar as alegrias e os desafios da missão. À noite, Irmã Evelyne e Irmã Margaret se reúnem com os Padres e os estudantes do Centro DePaul, casa de estudos e noviciado dos Lazaristas. Após o acolhimento do Padre Barry Moriarity, cm, Irmã Evelyne partilha com eles sua experiência como auditora no Sínodo em Roma.

No dia seguinte, Irmã Evelyne e Irmã Margaret visitam **os lugares de missão das Irmãs em Nairobi.**

Acompanhadas por duas Irmãs, elas entram no *presídio das mulheres de Langata*, único presídio de segurança máxima do Quênia (600 mulheres). Quase 40 bebês vivem com suas mães neste presídio. As Irmãs visitam primeiramente as celas das mulheres que deram à luz recentemente; o mais novo dos recém-nascidos tinha apenas alguns dias. (Quando as crianças têm dois ou três anos de idade, elas vão para a Creche). Em seguida, elas conhecem o trabalho de artesanato realizado pelas detentas: bordado, tricô, costura, tecelagem. Na prisão, as jovens que não terminaram seus estudos secundários têm a possibilidade de fazer alguns cursos para preparar o exame nacional, algumas fazem até mesmo estudos superiores. Duas Irmãs visitam as detentas regularmente e lhes dão, assim como aos membros do pessoal, um acompanhamento espiritual e um apoio. Elas também as ajudam materialmente, conseguindo auxílio médico, transporte para sua liberação, alimentação suplementar para os doentes.

Em seguida, Irmã Evelyne e Irmã Margaret vão a *Bangladesh*, favela de 2.000 habitantes aproximadamente, muito pobre, sem água corrente e nem energia elétrica. Quando seus habitantes encontram trabalho, é sempre para um dia. Os problemas se encadeiam: pobreza, droga, doenças, AIDS, tuberculose. No meio desta favela, encontra-se uma sala que serve como Escola Infantil durante 4 dias, de dispensário móvel um outro dia, de lugar de formação para adulto no sábado.

Depois, Irmã Evelyne e Irmã Margaret viajam a *Kuwinda* onde vivem também outros pobres. Na volta, elas param na Igreja paroquial para saudar os 10 alunos do curso de corte-costura e seu professor. Finalmente, retornam a Chanzo para tomarem uma xícara de chá e alguns mandazis, os bolinhos quenianos.

No dia 11 de novembro, todas as Irmãs em missão no Quênia: 17 Irmãs missionárias, 6 Irmãs, originárias de outras Províncias da África, estudantes no Quênia e 4 Irmãs do Seminário estão reunidas em Nairobi com Irmã Catherine Prendergast e Irmã Aster Zewdie, Visitadora da Etiópia, para conversar com Nossa Superiora geral: esta insiste particularmente sobre o carisma, as Constituições, a vida de oração, a vida comunitária e o serviço dos pobres. Todas apreciaram sua simplicidade fraterna, sua atenção para com cada uma, sua grande compreensão diante da diversidade das realidades. Suas palavras são encorajamento e fonte de inspiração.

Antes de voltar à Paris, Irmã Evelyne, Irmã Margaret e Irmã Catherine Prendergast reúnem-se com Irmã Margaret Mary Ekanem, Diretora do Seminário para uma conversa simples e fraterna.

Todas as Irmãs do Quênia agradecem cordialmente Nossa Superiora geral e Irmã Margaret por seu apoio face aos desafios que elas devem enfrentar. Esta visita as reconfortou e as uniu mais fortemente entre elas e com a Companhia inteira onde as necessidades dos pobres nos chamam sempre mais à caridade e à solidariedade.

As Irmãs do Quênia.

## VISITA DOS SUPERIORES

Irmã Evelyne Franc  
e Irmã Julma Neo, Conselheira geral

Visita à Província da China  
25 de novembro - 3 de dezembro de 2008

No dia 25 de novembro de 2008 em Beijing, Irmã Maria Wu, Visitadora da Província da China, acolhe Irmã Evelyne Franc e Irmã Julma Neo, Conselheira geral para a visita da Província que se realizará em dois tempos: primeiro na China, depois a Taiwan, outra parte da Província da China.

### **25 - 28 de novembro de 2008: China**

Muitas Irmãs chinesas, tendo conhecido Irmã Evelyne quando ela era Vice-Visitadora da Vice-Província de Taiwan, ficaram duplamente felizes de revê-la. Conhecendo bem o francês, as Irmãs puderam conversar com Nossa Superiora geral em francês ou em chinês.

- Um momento forte: acolhimento de duas jovens no Postulado e duas Irmãs no Seminário. A data de entrada foi escolhida em função da vinda de Irmã Evelyne para que as jovens tivessem o privilégio de serem acolhidas pela Superior geral.

- Viagem a Tianjin: encontro com as Irmãs da Caridade da Diocese que fazem parte da Família Vicentina e seguem os ensinamentos de São Vicente e de Santa Luísa.

- Etapa final: Irmã Evelyne visita as Filhas da Caridade de Shanghai felizes em conhecer a Superiora geral e Irmã Julma.

Durante esta primeira parte da visita, Irmã Evelyne, Irmã Julma, Irmã Maria Wu percorreram milhares de quilômetros de carro e de avião, evidentemente.

### **29 de novembro - 3 de dezembro de 2008: Taiwan**

A Missa de domingo na Igreja paroquial dá à Irmã Evelyne a ocasião de reafirmar sua amizade a muitos paroquianos que se lembram bem dela. Em seguida, Irmã Evelyne visita os Arquivos da Província da China, instalados na sala que outrora fora o seu gabinete; ela se interessou particularmente pelos testemunhos recolhidos sobre o martírio das Irmãs de Tianjin.

No dia 30 de novembro, Irmã Evelyne participa do Conselho Provincial e, em seguida, conversou com cada Conselheira.

No dia seguinte: reunião geral com as 30 Irmãs de Taiwan. Nossa Superiora geral fala das relações comunitárias que devem ser a imagem das pessoas da Santíssima Trindade. Põe em evidência a importância do amor e do desapego de si como meios para ajudarem-se mutuamente a ir a Deus. Encoraja-nos a aprofundar o testemunho de vida das quatro Irmãs proclamadas Bem-aventuradas recentemente: Irmã Rosalie Rendu, Irmã Lindalva de Oliveira, Irmã Giuseppina Nicoli, Irmã Martha Wiecka.

Em seguida, Irmã Evelyne insiste sobre o nosso carisma, enfatizando a relação entre serviço espiritual e serviço corporal. Recorda a necessidade de ter um estilo de vida simples e modesto, de estar disponível, de manter um espírito missionário, de partilhar nosso carisma com os leigos.

Num segundo tempo, ela sublinha o lugar da vida espiritual e a importância de fundamentar nossa vida de Filha da Caridade sobre a Palavra de Deus. A vida espiritual suscita o entusiasmo pelo apostolado. Por isso, é indispensável preservar os tempos de oração e os retiros espirituais. Ela encoraja as Irmãs a ler a Palavra de Deus continuamente, com um grande amor, ela mesma tendo sido

marcada pela experiência vivida no Sínodo dos Bispos em Roma sobre a Palavra de Deus. Ela recomenda também a leitura dos escritos de Bento XVI. Concluindo, ela nos convida a contemplar Maria no momento de seu *Fiat*, seu *Magnificat*, seu *Conservabat* (Ela conservava em seu coração todos estes acontecimentos) e seu *Stabat* (sua presença junto à cruz). Sua proximidade com Jesus sofredor, é exemplo para nos tornarmos próximas das pessoas que sofrem no mundo de hoje.

À tarde, Irmã Evelyne coloca-se à disposição das Irmãs. Muitas aproveitam também a oportunidade para conversar pessoalmente com Irmã Julma.

O jantar foi o da festa de “Ação de graças”, 4 dias depois, para ser celebrada com Irmã Evelyne. Muitos Lazaristas estavam presentes, representando 7 nacionalidades.

No dia 1º de dezembro, tomando o trem expresso de Taiwan, Irmã Evelyne, Irmã Julma e Irmã Maria Wu chegam a Tainan, situado a 250 km ao Sul, onde Irmã Evelyne serviu de 1994 a 1996 no Hospital da Medalha milagrosa. Atualmente, um novo prédio substitui o antigo que abrigava uma quinzena de leitos para pacientes idosos e incuráveis. Durante esta visita, Irmã Evelyne pode admirar o novo prédio que acolhe aproximadamente cem pessoas idosas. Depois, ela foi ao Cemitério dos Lazaristas rezar por aqueles com os quais trabalhou, bem como, pelas 5 Filhas da Caridade que lá sepultadas e das quais ela conviveu com 4: Irmã Mary Fu, Irmã Mary Ayo, Irmã Marie-Joseph Hsu, Irmã “Moumou” Lyang.

No final da tarde, as viajantes voltaram a Taipei para o jantar. A recreação ao redor da mesa recordou muitas lembranças da presença de Irmã Evelyne em Taiwan. Quando as Irmãs foram à Roma para a canonização dos mártires da China, Irmã Evelyne lhes serviu de guia em Paris e em Roma.

No dia 3 de dezembro, de manhã cedo, Irmã Evelyne e Irmã Julma partem para o aeroporto para seguir viagem ao Vietnã. Irmã Evelyne gostaria de permanecer mais tempo para visitar os numerosos e belos serviços realizados pelas Irmãs de Taiwan nas diversas localidades: serviço aos migrantes, visita a domicílio, cuidado às pessoas idosas, acompanhamento de jovens delinquentes, pastoral paroquial dos aborígenes nas montanhas.

O encontro com Nossa Superiora geral renovou nosso sentido de unidade internacional da Companhia. As notícias das Províncias, que Irmã Evelyne partilhou conosco, suas dificuldades, seus êxitos, o número crescente de vocações em alguns lugares, o compromisso das Irmãs por ocasião das catástrofes naturais, a abertura de casas em novos lugares de missão, a disponibilidade das Irmãs, ...suscitaram em nossos corações um grande desejo de apoiá-las pela oração e o sacrifício.

Irmã Kathleen GRIMLEY  
*Correspondente dos Ecos*

### VISITA DOS SUPERIORES

Província do Vietnã

Celebração dos 80 anos de presença  
das Filhas da Caridade no Vietnã

11 de dezembro de 1928 - 11 de dezembro de 2008

## **1 - UM POUCO DE HISTÓRIA**

Vietnã é um dos 10 países do ASEAN (Associação das Nações do Sudeste da Ásia).



- População: 84 milhões de habitantes (em 2006);
- Política: de 1954 a 1975, o território nacional foi dividido em duas regiões, o Norte dirigido pelo Partido Comunista e o Sul sob o poder da República do Vietnã. Em 30 de abril de 1975, depois da entrada das tropas do Norte do Vietnã e do Viet-cong em Saigon, o governo do Sul do Vietnã recua. A vitória do governo comunista de Hanói cessa a guerra entre os dois Vietnãs. O país é reunificado sob a autoridade do governo comunista. A capital do Sul-Vietnã se torna Hô Chi Minh-Cidade, nome do antigo líder comunista vietnamita.
- Religião: os budistas são os mais numerosos, os cristãos compreendem apenas 7% da população.

## 2 - HISTÓRIA DA COMPANHIA NO VIETNÃ

A Província das Filhas da Caridade no Vietnã começou com três Filhas da Caridade francesas.

Em 1927, o Bispo da Diocese de Saigon se dirige à Superior geral da Companhia, Mère Mathilde Inchelin (1922-1928), para pedir-lhe Filhas da Caridade para o hospital de Saigon.

No dia **11 de dezembro de 1928**, Mère Inchelin envia três Filhas da Caridade ao Vietnã: Marie Mathilde Sempé, Jeanne Legout e Marthe Côte.

Em 1932, a Província do Vietnã foi fundada com a primeira Visitadora, Irmã Francine Lepicard (1932-1935).

Em 1934: as três primeiras Filhas da Caridade vietnamitas são enviadas em missão.

Em 1975, depois da vitória do governo comunista de Hanói (Vietnã do Norte), todas as Irmãs missionárias européias tiveram que ser repatriadas. Os contatos da Província com a Casa Mãe foram suspensos até 1985.

Em 1988, Mère Anne Duzan vai ao Vietnã com Irmã Blandine Pierron; daí em diante as Visitadoras e as delegadas puderam participar das Assembleias gerais de 1991, 1997 e de 2003.

## 3 - CELEBRAÇÕES DESTE 80º ANIVERSÁRIO DA PRESENÇA DAS FILHAS DA CARIDADE NO VIETNÃ

*a) As diversas celebrações para celebrar este 80º aniversário têm por objetivo não somente dar graças a Deus, mas também nos projetar para o futuro com um novo elã.*

*b) Três celebrações estão programadas:*

- Com Irmã Evelyne Franc, Superiora geral e Irmã Julma Neo, Conselheira geral, no dia 4 de dezembro de 2008,

- Com as autoridades eclesiais, as famílias religiosas e as famílias das Irmãs, no dia 13 de dezembro de 2008.

- Com as autoridades civis, os colaboradores e membros dos 4 ramos da Família Vicentina, no dia 14 de dezembro de 2008.

*c) Chegada de Notre Mère na Casa Provincial*

Na manhã do dia 3 de dezembro de 2008, Irmã Evelyne Franc e Irmã Julma Neo chegam à Casa Provincial de Ho Chi Minh-Cidade em meio a uma fila de honra composta por Aspirantes, Irmãs, numerosas Irmãs Serventes e Irmãs idosas. Em seguida, estando todas reunidas na Capela, as Irmãs expressam ao Senhor sua alegria de poder celebrar com Notre Mère e Irmã Julma este aniversário de família e a acolhem como a representante da Companhia.

À tarde: encontro com o Conselho provincial, Eucaristia na Casa dos Dominicanos, Vésperas com a Comunidade, em seguida, inauguração da nova sala polivalente construída no subsolo da casa Mai Vinh.

À noite: Representação meditativa sobre o tema *“Itinerário de Graça”*, com imagens emocionantes e significativas descrevem a luta do povo e dos católicos vietnamitas contra todo tipo de opressões.

No dia seguinte, visita da sala de exposição onde estão retrçados todos os acontecimentos vividos desde o início da Província. Continuando, Notre Mère se encontra com as Aspirantes e as Postulantes, com as Irmãs da Província, vindas das comunidades locais próximas e distantes, Notre Mère recorda as imagens das primeiras Irmãs chegadas para implantar a Província; ela faz alusão também aos sinais que o Senhor nos dá hoje com as recentes beatificações de Irmã Lindalva [1953-

1993] em Recife-Brasil; de Irmã Giuseppina Nicoli [1863-1924] na Sardenha, de Irmã Martha Wiecka [1874-1904] da Polônia na Ucrânia.

*“Irmã Lindalva é um modelo de fidelidade no serviço dos pobres. Seu assassino era um homem que ela havia recusado mandar embora do Abrigo Dom Pedro em Salvador porque era, dizia ela, um pobre que tinha direito ao seu serviço.*

*Irmã Giuseppina nos oferece um exemplo extraordinário de obediência, sempre disponível a passar de um serviço a outro e criativa para ir aos pobres mais abandonados.*

*Irmã Martha nos impressiona por sua fidelidade ao carisma de São Vicente, ela cuidava dos doentes com uma extrema delicadeza e muita experiência, sem esquecer-se de dizer-lhes uma palavra boa, nunca separando o serviço corporal do serviço espiritual, até dar sua vida por um outro.*

*Não precisamos de um grande número de Irmãs para testemunhar, disse Notre Mère, nosso testemunho reside na qualidade de nosso ser de servas. A Companhia precisa de profetas para nosso tempo...”*

Para terminar, Notre Mère relembra: *“Viver a vocação vicentina autenticamente hoje exige reflexão apostólica em comum e revisões periódicas em todos os níveis a fim de discernir o que Deus nos pede”* (cf. E. 11). Em seguida, Irmã Evelyne comenta a C. 24: o desapego do coração, o sentido da gratuidade, a defesa da justiça, o compromisso social, e a importância de transmitir os apelos dos mais desfavorecidos que não têm a possibilidade de se fazerem escutar. Enfim, ela acrescenta: *“Maria está sempre presente e agindo na vida da Companhia. Vivamos com ela e assim como ela, na escuta da Palavra de Deus para servir Cristo nos Pobres e nos deixar evangelizar por eles”*. Notre Mère conclui sua visita dizendo: *“A Companhia tem 375 anos de presença, a Província do Vietnã tem 80, ela é tão jovem, e a estrada a percorrer ainda é longa! Que Deus realize maravilhas através da Província, como Ele as realiza na Companhia. Continuem vivendo profundamente o espírito da Companhia”*.

Tudo o que nós vivemos com Notre Mère vai continuar dando fruto em nossa vida de Filhas da Caridade, servas dos pobres. Obrigado Irmã Evelyne e Irmã Julma.

Irmã Gonzague TRAN THI KIM TÚ  
Correspondente dos Ecos

### **TESTEMUNHO DAS IRMÃS**

Província de Suíça Turca

O testemunho de obediência de Irmã Joséphine

À pedido de sua Visitadora, no dia 29 de junho de 2008, Irmã Joséphine deixou a Turquia onde serviu os pobres durante 37 anos, e voltou à sua Província de origem de Turim. Seu testemunho de disponibilidade generosa marcou muito nossa Comunidade e, sem o saber, ela orientou indiretamente as reflexões de nossa Assembleia Provincial.

Durante as últimas duas semanas antes de sua partida, os convites se multiplicaram: doutores e enfermeiros (as), cada setor do hospital e várias Comunidades religiosas, todos queriam agradecer Irmã Joséphine e falar de seu pesar em vê-la partir. Ela dizia com toda simplicidade: *“Meus olhos choram, meu coração chora, mas no mais profundo de mim, estou em paz, serena porque faço a vontade de Deus”*.

Outro dia, ela nos disse: *“Nunca pensei que a separação seria tão dura, e mostrando-nos o Cristo na cruz, mas é Ele quem me dá força e que estará comigo na Itália”*.

Para os Residentes que não entendiam esta partida e que queriam escrever à Superiora geral, ela disse: *“Não pensem em fazer uma coisa semelhante, eu prometi obedecer, então não me impeçam. Deus sabe bem onde Ele quer que eu esteja. Guardarei todos e todas em meu coração”*.

Irmã Joséphine tentou transmitir nosso carisma até a última manhã: *“Não basta dar de comer, acrescente uma palavra amável, encoraje por um sorriso, um aperto de mão, seja paciente: as pessoas precisam destes gestos tanto quanto que de comida”*.

Todo o pessoal de seu setor estava ansioso para lhe fazer uma festa, a fim de agradecê-la por tudo o que tinha feito pelos doentes. Durante a festa, Irmã Joséphine pediu-lhes perdão pelas vezes que tinha sido muito rigorosa para com eles. Este gesto marcou-os profundamente. A uma enfermeira que repetia sua tristeza em vê-la partir, ela diz:

- *Um dia, talvez, você me substituirá!*

- *É impossível, minha Irmã, sou muçulmana.*

- *Nunca se sabe, responde Irmã Joséphine, Alá é grande!*

Obrigado Irmã Joséphine, por seu brilhante testemunho de fé e de adesão à vontade de Deus, você nos ajuda a viver bem nossa vocação de Filhas da Caridade.

As Irmãs do Hospital da Paz  
(Istambul)

### **PALAVRA DOS POBRES**

Província de Cuba

Após a passagem do ciclone de Ike em Cuba  
os pobres nos evangelizaram

No dia 8 de setembro de 2008, o furacão Ike atinge o território cubano provocando inundações e grandes danos materiais, entre outras, na cidade de Baracoa, a mais antiga, situada no extremo Leste da Ilha. As primeiras vítimas tiveram suas casas devastadas por ondas de 10 metros. Milhares de pessoas foram abrigadas em Centros de acolhimento. Outras beneficiaram da solidariedade das famílias ou dos vizinhos. Muitos exemplos o confirmam.

Algumas Filhas da Caridade foram visitar os habitantes da cidade de Baracoa para ajudá-los a enfrentar este novo desastre. Percorrendo as ruas com alimento e medicamentos, elas conheceram muitas pessoas que compartilharam com elas seus sofrimentos, mas também, às vezes, experiências que as marcaram positivamente. Quantas vezes eles nos disseram: *“Graças a Deus e àqueles que nos ajudaram, estamos vivendo”*? Nestas conversas, reconhecemos a presença de Deus que age no coração e na vida destas pessoas sofridas.

A história que Mercedes nos contou é um pouco diferente: ela não tinha fé, mas um acontecimento particular vai permitir a Deus de entrar em sua vida.

Mercedes vive com seus dois filhos, um de 13 e outro de 14 anos. No anúncio deste terceiro furacão devastador, ela decide permanecer em sua casa para proteger seus bens, não só da tempestade mas também dos ladrões. Porém, ela decide enviar seus dois filhos para um lugar seguro. Desesperado por ter que abandonar sua mãe, o filho mais velho escreve numa parede: *“Meu Deus, tenho confiança em ti”* e desenha uma cruz ao lado da inscrição, depois ele deixa a casa com seu irmão. Mais tarde, alguns salva-vidas chegam e decidem levar a mãe para um abrigo.

Passado o furacão, Mercedes e seus dois filhos retornam juntos para casa, eles têm a grande alegria de encontrá-la ainda de pé, apesar de alguns danos. Imediatamente, Mercedes coloca-se ao trabalho para colocar a casa em condição e descobre a inscrição na parede. *“Alguém entrou aqui”* pensou ela. Seu filho, vendo-a tão chateada, confessa que foi ele o autor da frase e que o fez por medo

de ver sua mãe morrer. Mercedes fica realmente surpresa com esta oração visto que ela nunca falou de Deus a seus filhos.

Contando este fato, Mercedes ficou em lágrimas e dizia: *“Isto mexeu muito comigo; eu não sei onde meu filho aprendeu isto. Mas eu, eu sei que foi ele o primeiro que me falou de Deus. Até aquele momento, eu não tinha fé, agora eu acredito que Deus fez algo por nós e que nós devemos tudo a Ele. Graças ao meu filho, eu quero aprender a conhecer este Deus da Vida para rezá-Lo e agradecê-lo”*.

Irmã Maria Lazara FERNANDEZ  
Correspondente dos Ecos

## HISTÓRIA DA COMPANHIA

### No tempo de São Vicente... e Hoje

#### A Comunidade dos doze

A primeira Conferência do Senhor Padre Vicente às Filhas da Caridade, figurando no início do volume IX de Coste, é datada de 31 de julho de 1634; portanto, ela foi feita oito meses depois da fundação da Companhia. Esta conferência foi precedida de pelo menos duas outras: “No último dia de julho de 1634, numa terceira e última conferência, deu o Senhor Padre Vicente, à pequena Congregação das Filhas da Caridade, as regras e o modo de as praticar. Seguem-se as notas tomadas” (Conf. página 1).

Esta conferência de 31 de julho é muito importante: primeiramente porque é a primeira que nós temos; depois e especialmente, porque nela Padre Vicente apresenta e comenta o primeiro regulamento da Companhia; o regulamento mais próximo da intenção primeira. Neste momento, Padre Vicente e Luísa de Marillac têm uma única preocupação: regulamentar a vida, de maneira a adaptá-la o melhor possível à intenção que ambos tiveram, por ocasião da fundação.

Posteriormente, haverá outros regulamentos e Constituições que se esforçarão para ser fiéis à intuição das origens. Mas, como para a Congregação da Missão passada do Colégio dos Bons Enfants para São Lázaro (cf. Coste XII, 8), precisará levar em conta o número, a expansão, os princípios jurídicos e canônicos, o desejo dos Bispos, os pedidos dos Vigários... resumindo de mil coisas, às vezes inesperadas.

Neste 31 de julho de 1634, estamos apenas a oito meses de setembro de 1633; ainda bem próximo, do frescor da iniciativa da fundação. É impressionante ver como o Padre Vicente e Luísa de Marillac concebem o modo para um melhor serviço dos pobres... com toda liberdade, sem se preocupar muito com as prescrições jurídicas nem constrangimentos de qualquer tipo. Sem dúvida, o regulamento jamais terá sido tão próximo da vida; nunca terá sido concebido tão simplesmente, em função da finalidade da Companhia: o serviço dos pobres.

É nisto que este primeiro regulamento é muito rico e bem interessante. No entanto, observemos que Padre Vicente e Luísa de Marillac não são novatos no assunto. Eles já tinham concebido e redigido muitos regulamentos para as Confrarias da Caridade. Para o Padre Vicente, isto remonta ao 23 de agosto de 1617 (Coste XIV, 124-125), e para Luísa de Marillac, pelo menos à fundação da Confraria de São Nicolau de Chardonnet (Coste I, 116). Além disso, um estudo comparativo nos permitia observar rapidamente numerosas convergências entre os regulamentos das Confrarias e o primeiro regulamento das Filhas da Caridade. Mas, para realmente entrar na estrutura coletiva que foi para vocês a primeira, lembremo-nos como era a situação concreta, que nos recorda Padre Vicente:

“... Como a maior parte (das senhoras de Saint-Sauver) era de condição, com marido e família, muitas vezes se aborreciam com essa panela, de forma que isso as fazia desanimar, e pensaram então

em procurar algumas criadas para fazer este serviço em seu lugar” (Conf. página, 298). É então a voluntária **Margarida Naseau** que intervém. Sua maneira de viver e, sobretudo, de servir os pobres tem um tal impacto, que “as outras paróquias desejam a mesma coisa” (Conf. página, 298).

Também a pedido das Confrarias parisienses, de Vicente de Paulo e de Luísa de Marillac, Margarida Naseau “atraiu outras meninas a quem tinha ajudado a desprender-se de todas as vaidades e a entregar-se à piedade” (Conf. página 51): Margarida sem o saber, realizou a função de mestra das noviças!

A este ponto da história da Companhia, Margarida Naseau e suas poucas seguidoras recrutadas são distribuídas nas Confrarias parisienses e, diz Vicente de Paulo, “elas começaram a se unir e a se juntar quase imperceptivelmente” (Cf. Conf. pg. 142). Três pontos são a sublinhar aqui, antes de passar à análise da conferência de 31 de julho de 1634.

1 / Até este dia, tudo se realizou no contexto das Confrarias da Caridade, sobretudo, em Paris. As Confrarias foram as células-tronco, as estruturas-mães e representarão a situação real e jurídica da Companhia durante quatorze anos, até 30 de maio de 1647. (Coste IX, 323): “... até agora não éreis um corpo separado das senhoras da Confraria da Caridade; e agora minhas Filhas, Deus quer que sejais um corpo particular, que sem estar todavia separado do das Senhoras, não deixa de ter os seus exercícios e funções particulares”.

Lendo a conferência de 31 de julho de 1634, é preciso não esquecer esta situação: as Filhas da Caridade são servas dos pobres no contexto das Confrarias e sob a direção das responsáveis das Confrarias.

2 / Elas são então “servas dos pobres” na estrutura das Confrarias; no entanto, graças sobretudo à personalidade de Margarida Naseau e à intuição de Luísa de Marillac, são já outras. Depois de algum tempo como diz Vicente, elas começaram “a se unir e a se juntar quase imperceptivelmente” (Cf. Conf. pg. 142). Aí está um ponto fundamental no desenvolvimento das origens da Companhia: a iniciativa (de quem?) precedeu a estrutura. E sabemos que Vicente de Paulo gostou muito deste tipo de processo providencial, que dá um certo avanço à vida sobre o direito, sob forma de acontecimentos que falam, provocam e se impõem. Chamavam de “os sinais dos tempos” (cf. Coste III, 272; VII, 148-149; XII, 5-7; XIII, 694).

Assim, as primeiras Filhas da Caridade junto com Luísa de Marillac, em Paris, têm o hábito de se reunir, para partilhar sobre sua vida, suas experiências, suas dificuldades e seus projetos.

3 / Sentimos bem isto, e a continuação nos dará razão, em toda esta experiência espontaneamente comunitária, depois da ação determinante de Margarida que recrutou as primeiras companheiras, é Luísa de Marillac quem assume e se torna a animadora deste grupo informal.

Se nós voltarmos rapidamente na história de suas origens, vemos Vicente de Paulo sempre conectado em sua experiência de 1595-1630: um serviço dos pobres assumido pelas categorias sociais mais favorecidas. Não esqueçamos as reticências que ele manifestou até maio de 1633, seis meses antes da fundação da Companhia. (Coste I, 200). Por outro lado, Luísa de Marillac, sucedendo Margarida Naseau, anima há alguns meses uma comunidade de moças pobres, espalhadas nas Confrarias da grande cidade de Paris.

Recordemos que: é **Luísa de Marillac**, filha natural, vinda de uma das famílias mais influentes do Reino que é a primeira a se solidarizar com os pobres aldeões. Não é o “pobre guardador de porcos e filho de lavrador” quem primeiro a anima, mas uma jovem de família importante! Ideia curiosa da Providência, que Vicente compreenderá depois (Coste IX, 90).

Observemos que, as origens da Companhia foram verdadeiramente imprevistas, inesperadas, e Vicente tinha muita razão de repetir constantemente que “ninguém pensava nisto” e que, portanto, era obra de Deus.

Obra de Deus; sim, certamente, mas por meio de intervenções providenciais: Margarida Naseau, depois Luísa de Marillac que continua, e finalmente Vicente de Paulo durante seu retiro de setembro de 1633; tudo isto, graças às partilhas durante quatro ou cinco dias entre os dois anjos da guarda de Vicente e de Luísa! (Coste I, 218).

Eis, pois, o 29 de novembro de 1633. Temos pouquíssimos detalhes sobre este memorável dia e sobre a maneira como estas poucas jovens acostumadas a se reunir, decidiram formar uma

Comunidade. Encontramos os sinais do acontecimento apenas oito meses depois: 31 de julho de 1634. Mas, a partir de nossa conferência, é relativamente fácil reconstituir as primeiras horas desta Comunidade.

Na conferência de 31 de julho de 1634, é Luísa de Marillac quem exerce o papel de secretária... um sucesso! (cf. XII Coste, 445-450). Desde as primeiras linhas, podemos apreciar sua competência, inestimável para um historiador: “No último dia de julho de 1634, numa terceira e última conferência, deu o Senhor Padre Vicente, à pequena Congregação das Filhas da Caridade, as regras e o modo de as praticar. Seguem-se as notas tomadas”.

“... terceira e última conferência...”. Sabemos que a segunda foi realizada na véspera, em 30 de julho, e que nela Pe. Vicente evocou o período de 29 de novembro de 1633 a 30 de julho de 1634: “... dizia-vos eu, na última vez que vos falei, que há já algum tempo que estais juntas para viver em comum, e todavia não tínheis ainda um regulamento para vossa maneira de viver” (Conf. página 1). Parece que este final do mês de julho de 1634 foi o primeiro tempo forte na vida da Companhia. Como em Châtillon (de agosto a novembro de 1617) e como em todas as outras ocasiões, Vicente de Paulo quis que a experiência antecipasse a elaboração de um regulamento, o regulamento só devia ser escrito bem depois (Coste IX, 3, 137, 213). E de Vicente se justificar como bom cristão... e Gascão! “Nisto a Divina Providência dirigiu-vos como dirigiu o seu povo, que esteve, desde a criação, mais de mil anos sem lei; Nosso Senhor procedeu do mesmo modo com a Igreja primitiva, porque, enquanto esteve no mundo, não se escreveu a nova lei, e foram os apóstolos que, depois d’Ele, guardaram a sua doutrina e as suas ordens” (Conf. página, 1).

No dia 14 de junho de 1643, na introdução ao relatório da Conferência destinada à explicação do regulamento, o secretário (ou a secretária, visto que o original é de punho de Luísa de Marillac) escreverá: “... o Senhor Padre Vicente, nosso Muito Venerando Pai, fez-nos a caridade de nos falar sobre o regulamento e a maneira de viver das Filhas da Caridade. Nosso Muito Venerando Pai não se tinha decidido a redigi-la por escrito; no que temos motivo para reconhecer que a divina Providência se reservou a direção desta obra, que progrida ou retroceda como lhe aprouver” (Conf. página 73).

Um pouco depois, refletindo sobre o assunto da conferência de 22 de janeiro de 1645, Luísa de Marillac escreveu: “Há já muito tempo que a Companhia deseja e pede que a sua maneira de viver seja redigida em forma de regulamento, para que, pela sua leitura, sejamos incitadas a praticá-lo. Deus, concedendo-nos hoje esta graça, pede-nos mais exatidão e fidelidade que nunca” (Conf. página 144-145).

Finalmente, em 1645, é redigido o primeiro regulamento destinado a ser apresentado ao Arcebispo de Paris, Jean-François de Gondi, para obter a aprovação da Companhia (Coste XIII, 551-556). É ao mesmo Arcebispo de Paris que em agosto ou setembro de 1645, foi apresentada uma súplica na qual Vicente expõe em detalhe a ação da Companhia nascente, e pede a Jean-François de Gondi “de erigir em confraria esta Companhia de jovens e viúvas e atribuir-lhes por regulamento os seguintes artigos, segundo os quais viveram até o momento e se propõem viver no futuro, sob o nome de jovens e viúvas servas dos pobres da Caridade” (Coste II, 552).

Recordo, de passagem, que as Regras da Congregação da Missão, não tomaram menos tempo para amadurecer: elas só foram entregues aos Missionários em 1658, e a introdução da pequena obra entregue a cada um, começava com estas palavras latinas: “En tandem...”, que significa: “Enfim, eis aqui...”!

Talvez tenham observado a expressão empregada por Luísa de Marillac: “a pequena Congregação das Filhas da Caridade”? Realmente, Luísa está bem mais avançada do que Padre Vicente, e é surpreendente encontrar este título profético num texto de julho de 1634. Com efeito, para Padre Vicente, e esta será sua posição até 1647, as primeiras Filhas eram apenas um grupo de “servas das Confrarias parisienses”. Para Luísa de Marillac, elas já eram uma pequena congregação de Filhas da Caridade! Creio que as preveni que Luísa de Marillac não foi sempre a colaboradora que seguiu respeitosamente, mas frequentemente, ela apressava seu Diretor; vejamos ainda um outro exemplo e haverá muitos outros!

Mas, voltemos à nossa Conferência de 31 de julho de 1634 e escutemos o Padre Vicente: “A Providência reuniu aqui doze de vós”.

Eis pois, a pequena Comunidade e, no curso desta conferência, podemos identificar algumas das doze primeiras da Companhia:

- Maria Joly é de São Salvador, bem como uma outra Irmã, talvez Nicole;

- Michelle e Bárbara são em São Nicolau;
- Margarida e suas Irmãs são em São Paulo;
- Uma Irmã (Jeanne Lepeintre) está sozinha em São Bento;
- As outras (três provavelmente, dentre as quais Jacqueline e Madeleine) sob a orientação da Senhora Le Gras. Vários relatos permitem ter algumas precisões sobre estas doze primeiras de 31 de julho de 1634, ou pelo menos, sobre oito delas. Começemos com as mais conhecidas.

### **MARIE JOLY.**

Na conferência sobre as virtudes de Bárbara Angiboust, ela afirma: “Estive com ela desde a origem da Companhia” (Conf. página 869). Era uma excelente serva dos pobres e tinha uma forte personalidade. Foi enviada a Sedan em 1641, numa região em guerra para cuidar dos feridos. Ela permaneceu lá até em 1655, distante pela necessidade, da Comunidade e de seus costumes. – Ao regressar à Casa Mãe, ela foge e depois volta, e seu caso é estudado no Conselho (Coste XIII, 725-730): “Nosso Venerando Pai diz: Vejamos as razões que parecem nos obrigar a fazer como o pai do filho pródigo do Evangelho, já que Deus nos oferece a oportunidade para fazê-lo. A primeira é que se trata de uma pessoa que se perdeu do seu bom caminho e é uma obra de caridade encaminhar os desgarrados. Em segundo lugar, é que se mostra arrependida e parece que devem perdoá-la, pois a mesma lamenta muito sua falta. Em terceiro lugar, faz muito tempo que ela está na Companhia e tem trabalhado muito pelos pobres. Quando a sede era em Sedan, sofreu muito por eles. Quarta é de temer que muitas de nossas Irmãs se afligiriam se não a recebêssemos”. Foi inútil apresentar razões “contra” embora apresentadas honestamente ao Conselho; as razões “a favor” já haviam ganhado a questão!

### **BÁRBARA ANGIBOUST.**

Entrou na Companhia em 1º de julho de 1634 com 29 anos. Foi Superiora em Saint-Germain-en-Laye em 1638, depois em Richelieu, em seguida em Saint-Denis em 1645; esteve em Fontainebleau (1646), em Brienne (1652) no Aube, em Bernay (1655) em Eure e no Eure-et-Loir em Châteaudun (1657) onde morreu no dia 27 de dezembro de 1658 com 53 anos. Era uma Irmã admirável (Coste X, 637-653 e 674-679), uma verdadeira Filha da Caridade.

Foi ela quem fez esta reflexão extraordinária na casa da duquesa d’Aiguillon: “Minha Senhora, sai de casa para servir os Pobres e vós sois uma grande Senhora, rica e poderosa. Se fosse pobre, servi-la-ia com muito gosto”. (Conf. página 867; Coste I, 330). Esta última reação não deixou de interpelar e iluminar Vicente de Paulo, em uma circunstância onde parecia ter aceitado ou tolerado uma certa divergência. Ele conversou sobre isto com Luísa de Marillac: “O que vos parece, Senhora? Não vos encanta em ver a força do espírito de Deus nestas duas pobres jovens e o desprezo que Ele as fez ter do mundo e de suas grandezas? Não podeis imaginar no ânimo que isto me deu pela Caridade e o desejo que tenho de que volteis logo e com boa saúde, para trabalhar aqui na boa instrução...” (Coste I, 331).

### **JEANNE LEPEINTRE.**

Uma serva da Senhora Goussault. Foi professora numa escola em Saint-Germain-en-Laye (1642), superiora em Nantes (1647) depois em Châteaudun (1655) e no hospital da Salpêtrière (1657). “Uma boa jovem”, diz Padre Vicente; mas tinha um caráter difícil e, às vezes, tomava iniciativas intempestivas. Sua correspondência com São Vicente é interessante (Coste II, 192; III, 613; IV, 163, 279; V, 6; VI, 39). Infelizmente, no final de sua vida, ela perdeu a razão.

### **JACQUELINE...**

Tinha um temperamento forte. Talvez, ela tenha merecido um pouco a bofetada que recebeu de Jeanne num dia de 1638, a Filha da Caridade da Paróquia Saint-Laurent? Para ela também, o Conselho da Companhia teve que deliberar sobre sua saída: “Agora, minhas Filhas, apresenta-se um assunto sobre o qual é necessário saber suas opiniões: trata-se desta pobre Jacqueline, que tendes aqui. Tem um mal caráter, que é a causa de muitas pequenas desordens pelas quais seria muito bom que ela não estivesse mais na Companhia. Está continuamente reclamando e pode causar danos nas mentes fracas que não a conhecem ainda. E como não aceita nada do que é praticado, e por onde passa fala coisas ridículas que podem causar muito prejuízo. Se alguém se opõe às suas vontades, ela fica insuportável e não é capaz de corrigir-se, – e o que é pior ainda, é que me parece que, como não está

contente, não poderá aqui conseguir sua salvação e que se portará melhor quando estiver sozinha. Enfim, minhas Filhas, ela não tem senso comum” (Coste XIII, 592-593). Que acusação aparentemente pouco vicentina! Isto só poderia ser concluído por uma alegação superiormente vicentina: “tendes que olhar por outro lado, que se trata de uma Irmã que prestou muito serviço aos pobres e é uma das mais antigas (estamos em 1646), e penso mesmo que é uma das primeiras que começaram a servi-los na Companhia. Por esta razão, parece que seria melhor mantê-la” (Coste XIII, 593). Com efeito, nunca se manda embora os antigos servos e as antigas servas, embora a idade não os tenha melhorado! Um debate longo terminou, finalmente, numa decisão harmoniosa e Jacqueline não foi afastada.

#### **NICOLE...**

Sabe-se poucas coisas sobre ela; parece que ela não foi fácil. Padre Vicente escreveu por volta de 1636 à Luísa de Marillac: “Gostaria muito, Senhora, que pudésseis convencer esta pobre Nicole a ir para São Bento ou a outro lugar. Se ela concordar seria necessário escrever à Senhora Virole para aceitá-la. Ontem me encontrei com a jovem desta paróquia São Bento que pede uma outra. Oh! como faríeis um bom trabalho se pudésseis fazer isto! Mas, proceder com autoridade, parece-me não ser conveniente; isto teria efeitos ruins. Falar-lhe, eu não saberia” (Coste I, 366). No fim de 1638, os comentários eram mais favoráveis: “Visto que estimais que Nicole se corrigirá, no momento oportuno, tenteis ainda...” (Coste I, 546).

#### **MARGARIDA...**

Em outubro de 1638, Padre Vicente escreve à Luísa de Marillac: “Estou muito feliz que tenhas mantido Irmã Marguerite e que lhe tenha enviado para fazer um retiro” (Coste I, 512). É a única informação que temos sobre Marguerite.

#### **MADELEINE...**

“Vi esta boa jovem Madeleine. Penso que teremos que trabalhar um pouco com ela, já que suas paixões são um pouco fortes. Mas o quê! Quando se tem a força de superá-las, depois se realiza maravilhas. Recebei-a, pois, por bondade... Quanto a esta boa jovem de Argenteuil que é melancólica, penso que tendes razão de impor dificuldade para recebê-la; pois é um caráter estranho como o da melancolia. Parece-me que tendes o bastante por algum tempo, e que deveis exercitá-las bem a ler e a costurar, a fim de que elas possam trabalhar no campo” (Coste I, 238). Foi por volta de 1634 que Padre Vicente escreveu esta carta à Luísa de Marillac.

#### **MICHELLE...**

Nenhuma informação sobre ela, exceto que naquele dia ela foi nomeada Superiora de Bárbara, em São Nicolau. Agora, podemos imaginar as doze meninas, reunidas com Padre Vicente e Luísa de Marillac no dia 31 de julho de 1634, na casa de Luísa em Paris, rua de Versalhes, em frente l’Epée-Royale. (Aproximadamente no nº 21 da rua Monge, atualmente).

Seria necessário ler e comentar parágrafo por parágrafo esta conferência, lembrando-nos que estamos apenas nos primeiros dias da Companhia e evocando os prolongamentos, as evoluções, realizados com Padre Vicente ainda vivo. Sobre tal ou tal ponto, é impressionante surpreender Vicente em seus projetos (às vezes subentendidos), suas expectativas e suas ambições para a Companhia.

Fiz notarem que neste 31 de julho de 1634, como muitas vezes depois, Luísa de Marillac ia adiante de Padre Vicente na organização da Comunidade. Mas durante esta famosa conferência, em duas ou três passagens proféticas, parece que ele também, está consciente de viver o começo de uma grande história, a vossa, a das Filhas da Caridade.

Para não ser muito longo, vou tentar resumir estas treze páginas, capitais para vocês, em três pontos:

- A. A ordem do dia,
- B. A organização da comunidade,
- C. A mística do grupo (a parte profética).

#### **A - A ORDEM DO DIA**



“Vejamos, portanto, minhas Filhas, como deveis passar as vinte e quatro horas que compõem o dia, os dias que compõem os meses, e os meses os anos que vos conduzirão à eternidade”. Bela passagem filosófico-astronômica que deve ter soado claro nos lábios de Padre Vicente!

A ordem do dia começa com o levantar às 5 horas, para chegar às 22 horas, e se detalha como segue:

- oferecimento do dia desde o levantar...
- oração e Missa...
- serviço dos pobres; alma que procura antes das refeições...
- grande silêncio entre 22 horas e a oração.

Para encerrar o dia e trazer o sono... um sonífero espiritual: “deitai-vos com um bom pensamento. Isso ser-vos-á um meio fácil para vos lembrardes de Deus ao acordar” (Conf. página 5).

Nesta ordem do dia bem simples, podemos fazer algumas observações e comentários.

### **1 - FUNCIONALIDADE DA ORDEM DO DIA.**

Tudo é previsto para o serviço e em função do serviço. Para perceber isto, seria necessário comparar esta ordem do dia com o das religiosas da época. Em todas as comunidades e congregações, o ritmo dos dias era o da oração das Horas, as atividades sendo necessariamente e voluntariamente divididas. Na ordem do dia das Filhas da Caridade, entre a Eucaristia matinal e a oração da tarde, era previsto apenas o exame do meio-dia (e o toque do sino!). As Filhas eram servas dos pobres, e é em função destes, antes de tudo, que foi concebido seu regulamento. Esta é uma observação fundamental e que permanece um critério para a Filha da Caridade de todos os tempos; para as Constituições de hoje e de amanhã.

### **2 - PRIORIDADE NA ORDEM DO DIA.**

Desde o 31 de julho de 1634, Padre Vicente considera a possibilidade de uma concorrência ou de um conflito entre o mínimo vital espiritual, e as exigências do serviço: ele decide claramente a favor do serviço dos pobres: “sabei que, quando deixardes a oração e a Santa Missa pelos pobres, nada perdereis, pois, servir os pobres, é ir para Deus; e deveis ver a Deus nas suas pessoas” (Conf. página 3). Voltaremos sobre este parágrafo mais adiante, um dos mais ricos e mais significativos, sobre a vocação e a identidade da Filha da Caridade.

### **3 - RELATIVIDADE DA ORDEM DO DIA.**

Padre Vicente traz uma precisão importante referente à hora do levantar: “O levantar será portanto às cinco horas, quando a Caridade vos permita deitar às dez, porque deveis conservar a saúde para o serviço dos pobres, dando aos vossos corpos as suas justas necessidades” (Conf. página 2). Há bem mais do que um conselho de precaução e de boa saúde. É toda uma concepção do regulamento que está em jogo, e Padre Vicente revela sua postura claramente.

O regulamento não é um absoluto, não é um fim em si mesmo: é um MEIO para o serviço dos pobres. E, se este serviço exige um trabalho depois das 22 horas, é normal para Padre Vicente levantar-se depois das 5 horas... pois o corpo tem suas necessidades. Certamente, é fácil encontrar textos nos quais São Vicente insiste sobre a regularidade, a pontualidade, a uniformidade. Em São Lázaro, aconteceu-lhe de ir tirar um colega preguiçoso da cama (Coste XI, 238). Mas seria absolutamente errôneo fazer de Padre Vicente uma espécie de fanático do Regulamento.

Primeiramente vimos que, ele relutava escrever regulamentos e codificar (Coste III, 272; VII, 148-149; XII, 5-7; XIII, 694...). Por outro lado, ele não deixa de delimitar bem, e às vezes, quase relativizar sua aplicação: tanto que o emprego do tempo o permita, tanto que se puder...? Estando bem claro que a única desculpa válida é o serviço dos pobres, e não a fantasia ou a preguiça.

Mesma prudência e moderação na declaração seguinte: “Uma boa máxima é de diferir tanto quanto se puder a redação do regulamento, porque a experiência mostra que o que é possível no começo, às vezes, é prejudicial depois” (Coste III, 272).

#### **4 - LUGAR DA ORAÇÃO NA ORDEM DO DIA.**

Para o Padre Vicente, a meditação é indiscutivelmente um tempo forte do dia de uma Filha da Caridade: “um centro da devoção”. Além disso, Vicente acrescenta considerações particularmente significativas: “Sêde cuidadosas em dar conta de vossa meditação o quanto antes puder. Vós não podereis fazer ideia de quanto isso vos será útil. Dizei umas às outras, muito simplesmente, os bons pensamentos que Deus vos deu e, sobretudo guardai bem as resoluções que tiverdes tomado”. (Conf. página 3)

É necessário saber que no século XVII, a meditação era a oração pessoal e íntima por excelência, uma espécie de estética espiritual e mística. O próprio Vicente de Paulo a apresenta como uma partilha, uma partilha espontânea. Sabe-se que, depois disso e repetidamente, Vicente reivindicará ter sido na Igreja, o inventor desta prática de devoção, assim considerada. Algumas de vocês e eu lembramos sem dúvida da maneira mais formalista do que espontânea como se praticava ainda há vinte ou trinta anos este denominado exercício: Repetição de Oração. Sobre este ponto como em muitos outros, é bom perceber o vivo pensamento de Padre Vicente. A partir do que ele fala acima no trecho desta conferência, trata-se de uma partilha espontânea da oração, absolutamente independente do horário: “o quanto antes puder” e isento de todo o formalismo.

Certamente, as comunidades tornando-se mais numerosas, ele mesmo organizará a prática, e situará de um modo mais claro na ordem do dia e da semana. Mas ele guardará sempre o gosto e uma certa nostalgia, pela partilha espontânea da meditação. (Coste IX, 220, 422; X, 74, 279; XIII, 666). Para ele, e contrariamente às opiniões de seu tempo, os mestres da oração serão os simples, os pequenos e os humildes (Coste IX, 422), como o Senhor o afirmara: “Em nossa casa, temos uma outra coisa que nos ajuda muito: a repetição da oração. Asseguro-vos que eu não posso dizer o fruto que isto traz. Não é credível que Deus tenha me mantido árido na oração. Minha esperança é que eu aprenderei de algum bom irmão algumas luzes que ele terá tido, e da qual tirarei proveito. Espero isto da bondade de Deus e ela nunca falta” (Coste XIII, 666). E ainda: “fazemos em nossa casa a repetição de oração, mas de dois em dois dias ou de três em três, conforme o permite a Providência. Ora, graças a Deus, os sacerdotes fazem-na bem, os clérigos também, uns mais, outros menos, conforme o que Deus lhes concede; mas quanto aos nossos pobres irmãos, oh! neles se verifica a promessa que Deus fez de Se revelar aos pequenos e aos humildes” (Conf. página 276).

Estas quatro observações sobre a ordem do dia, nos permitiram sublinhar a maneira como Padre Vicente abordava a questão do regulamento; o primeiro regulamento das Filhas da Caridade, o mais próximo das origens da Companhia e da idéia que Vicente se fazia, das Filhas da Caridade. O regulamento é importante e Padre Vicente insiste em seu valor e sua significação (Coste IX, 9-10), mas é apenas um meio a implementar, para um melhor serviço dos pobres.

É um meio que leva em conta a vida concreta. Lembremo-nos do levantar as 5 horas que Vicente introduz na ordem do dia “tanto quanto o serviço dos pobres o permita”; lembremo-nos do pobre, que se apresenta na hora da Missa ou da oração.

É um meio que mantém a vida do grupo, pela partilha da oração.

Esta relação entre regulamento e vida, o regulamento sendo concebido e vivido para a vida, é certamente uma ideia mestra da instituição da Companhia, de acordo com a famosa conferência de 31 de julho de 1634.

#### **B: A ORGANIZAÇÃO DA COMUNIDADE.**

Voltemos ao que as últimas Constituições chamam: o GOVERNO.

Compreendendo o peso e a necessidade da história (não se governa 30 ou 40.000 Filhas da Caridade do mundo inteiro, como se dirige uma dúzia de pobres aldeões dos subúrbios rurais de Paris!), fico impressionado pela espontaneidade, o frescor e a inocência (calculada?) de Vicente de Paulo, pelo modo como enfrentou e estabeleceu o governo da Companhia.

Um parágrafo de Coste IX, 8 determina quais pessoas serão os Superiores maiores da Comunidade: “Honrai as Senhoras da Caridade e conservai-vos junto delas sempre com muito respeito...”. Era bem normal visto que as primeiras doze Filhas da Caridade do 31 de julho de 1634 eram profissionalmente “servas das Confrarias”. Mas espontaneamente, e isto é muito significativo, Vicente de Paulo acrescenta: “... honrai também (o mesmo termo usado para as senhoras) os doentes e considerai-os como vossos amos”.

Leiam, releiam este texto, comparem as palavras (que Luísa de Marillac pensou) e estou certo de que reconheceréis sem dificuldade que de acordo com Padre Vicente, desde o primeiro regulamento, seu Superior maior, seus Superiores maiores na hierarquia e seus mestres foram os Pobres; e eles permanecem ainda hoje. É muito lógico que Vicente concluirá, que convém recebê-los quando eles se apresentam ou ir até eles quando as chamam, deixando tudo para depois, inclusive a Eucaristia ou a Oração.

Os pobres são, portanto, os verdadeiros Superiores maiores da Companhia das Filhas da Caridade. Mas, é necessário também, uma autoridade para o conjunto e uma autoridade local.

Para o conjunto, nada é afirmado solenemente por causa, provavelmente, da personalidade da secretária que era a própria Luísa de Marillac. Mas é óbvio que será a Senhora Le Gras, ao lado de quem se reunirão uma vez por mês. Ela será “aquela que tem o encargo geral de todas” (Coste IX, 12).

Em relação à autoridade local, a distribuição das responsabilidades era realmente deliciosa e significativa (Coste IX, 8). Ela tomava sempre o seguinte princípio: “Deve haver sempre entre vós uma que tenha o lugar de Superiora. Ora será uma, ora será outra” (Coste IX, 8). Saboreio particularmente estas duas linhas que pela primeira vez definem a autoridade na Companhia das Filhas da Caridade.

Pesemos cada uma das palavras: “Deve haver sempre entre vós uma...”. Deve haver... é como uma fatalidade que Vicente de Paulo se apressa de relativizar: “Deve haver... sempre uma que tenha o lugar de Superiora” “... que tenha o lugar...”: mais uma bela fórmula!

Para Vicente de Paulo, as Superioras não são capitãs, nem comandantes, muito menos ajudantes; são pessoas que “ocupam lugar”, “lugar-tenentes”, e como tais são inevitáveis.

Padre Vicente terá outras ocasiões para falar dos superiores, dos superioratos e da superioridade. Assim numa conferência de 1644 sobre os Cargos e os Ofícios, oportunamente ele confiará aos Missionários da Congregação da Missão: “... dizia a um superior que me falava de alguns a quem ele destinava a certos cargos: Ai! dizia-lhe, vós os perdeis, são almas bem unidas a Deus; e destituir de sua perfeição, é perder tudo. Mas o que fazer! É uma dor necessária. O pior de tudo é que escutei dizer a um dos homens mais santos que conheci (o Senhor Cardeal de Bérulle), e o que tenho experimentado há muito tempo é que na maioria das vezes, é assim que acontece, ou seja, que este estado de superior e de direção é tão astuto, que deixa de si e de sua natureza uma malícia e uma mancha sórdida e maldita; sim meus irmãos, uma malícia que infesta a alma e todas as faculdades de um homem, de maneira que, fora do cargo, custa-lhe submeter seu julgamento e encontra defeitos em todas as coisas. É uma pena!” (Coste XI, 139).

Voltemos ao regulamento e à determinação da superiora local: “Ora será uma, ora será outra”. Para medir o tamanho, a originalidade e a coragem do pensamento de Vicente de Paulo referente à autoridade na Comunidade, situemo-nos no contexto histórico, isto é, em uma época e em um país onde o poder pessoal, hereditário, absoluto, se torna cada vez mais importante, predominante e imponente, em todos os sentidos do termo. Estamos apenas a alguns anos do nascimento de Luís XIV, o Rei Sol que nascerá em 1638.

Foi naquele momento que para sua jovem comunidade, Vicente de Paulo pensa em pessoas que “tenham lugar” de superiores, ora será uma, ora será outra; e ele especifica que o rodízio será mensal: uma vez uma, outra vez a outra e de um mês a outro. Reconheçamos que no contexto do reino de França e da Igreja da época, este enfoque da autoridade parece original, sem dúvida usado e certamente provocador! Trata-se, como o definirá Vaticano II, 330 anos depois, de uma autoridade serviço, e não mais de uma autoridade presença, dignidade, dominação ou primazia.

E chegamos à deliciosa distribuição das patentes, a primeira série de nomeações de superioras na Companhia das Filhas da Caridade: “Visto isto, Irmã Maria (Joly), de São Salvador, sereis vós, durante todo o mês a Superiora de vossa Irmã; Micaela, de Bárbara em São Nicolau (na casa onde Luísa de Marillac se encontra); Margarida, de suas Irmãs em São Paulo; e vós, Irmã de São Bento, será o vosso Anjo da Guarda o vossa guia” (Coste IX, 8). Isto é sublime de fé e de benignidade, mas

Vicente não especifica, se neste caso a alternância será respeitada, entre o Anjo da Guarda que ocupará o cargo durante um mês e Jeanne Lepeintre, a Irmã de São Bento que poderia recebê-la no mês seguinte. “Para o Hospital Geral, será a Senhora Le Gras”. E eis a Companhia em estado de ser governada!

Esta página 8 do volume IX de Coste com a passagem da Conferência de 31 de julho de 1634, e a ereção do governo da comunidade dos doze, tem elementos suficientes para nos deixar perplexos: alcançamos aí as primeiras raízes da organização comunitária da Companhia. Que espontaneidade, que frescor, que humor de Gascão que sabe levar a sério sem cair no trágico! Esta página parece-me ser o esquema de revisão de vida mais autêntico, incisivo, oxigenado para os Superiores e Superiores vicentinos: para hoje e... até o fim dos tempos:

- é necessário que tenha sempre uma, que tenha lugar de superiora;
- ora será uma, ora será outra;
- obedecendo, as Filhas da Caridade aprenderão a santa humildade e, ao ordenar por obediência, ensinarão as outras utilmente;
- assim, pois, Irmã Maria de São Salvador, sereis vós, durante todo o mês a Superiora de vossa Irmã Nicole...
- e vós, Irmã de São Bento, será o vosso Anjo da Guarda o vossa guia...

Como quereis que depois de ter meditado sobre estes pontos e ter se interrogado, um (a) Superior (a) sinta-se ainda Superior aos outros quando ele (ela) não ocupa nada mais do que, um (a) lugar-tenente?

### **C: A MÍSTICA DO GRUPO.**

Este será nosso último ponto. Suspeitais que haveria aqui uma análise longa a fazer. Com efeito, em cada parágrafo há a evocação de Deus, uma referência à fé, uma motivação espiritual. Há igualmente várias menções da Virgem Maria, e é indispensável sublinhar esta dimensão Marial na primeira definição de vossa vocação. Infelizmente, não podemos desenvolver aqui todos estes aspectos. Deter-me-ei numa passagem extraordinária que me parece apresentar perfeitamente, toda a riqueza e particularidade de vossa vocação e de vossa espiritualidade.

“Minhas Filhas, sabeis que, quando deixardes a oração e a Santa Missa pelos pobres, nada perdereis, pois, servir os pobres, é ir para Deus; e deveis ver a Deus nas suas pessoas. Sêde portanto muito cuidadosas em tudo o que lhes for necessário, e velai particularmente pelo auxílio que lhes podeis dar para sua salvação: que eles não morram sem Sacramentos. Vós não sois só é para tratar os seus corpos, mas também para os ajudar a salvar-se. Sobretudo, exortai-os a fazer a confissão geral, suportai as suas pequenas impertinências, animai-os a sofrer tudo por amor de Deus, não vos encolerizeis nunca contra eles, nem lhes digais palavras rudes; já é bastante terem de suportar a sua doença. Pensais que sois o seu anjo da guarda visível, o seu pai e sua mãe, e não os contrarieis senão no que lhes for nocivo, porque então seria uma crueldade conceder-lhes o que pedissem. Chorai com eles; Deus vos constituiu para serdes a sua consolação” (Conf. página 4).

É impressionante encontrar uma tal passagem, na primeira conferência dada por Vicente de Paulo às primeiras Filhas da Caridade. Com o risco de vos surpreender, dirias que na minha opinião, ele não escreveu nada melhor sobre o assunto, nem mesmo o texto de Coste IX, 252: “... servindo os pobres, serve-se Jesus Cristo. Oh minhas Filhas, como isto é verdade!...”. Evidentemente, é assunto de apreciação pessoal; mas que riqueza nas linhas acima! Elas são a melhor prova, que oito meses depois do nascimento da Companhia, Vicente de Paulo tinha uma ideia muito clara da mística da Comunidade. Talvez tenha havido um pouco de atraso em relação ao projeto de fundação; mas no primeiro regulamento, e sobretudo no parágrafo citado acima, mostra claramente que ele especificou definitivamente a vocação, a espiritualidade e a identidade da Filha da Caridade.

“Minhas Filhas, sabeis que, quando deixardes a oração e a Santa Missa pelos pobres...”. A obra-prima parece chegar como um parêntese no centro da conferência, e isto é ainda mais admirável. Padre Vicente acaba de falar na ordem do dia da oração e da Missa, apresentando-as uma e outra, como o centro da devoção. De repente, ele sente a necessidade de esclarecer a hierarquia dos valores, para uma Filha da Caridade.

Vendo estas doze servas dos pobres, simples e disponíveis, tentou deslocar o centro de sua devoção, ou mais exatamente, aprofundá-la situando-a em “Jesus Cristo na pessoa dos pobres”. As

expressões usadas (que devem ter impressionado a secretária) são de uma força única que revela provavelmente sua espontaneidade: “quando deixardes a oração e a Santa Missa pelos pobres, nada perdereis”. Que audácia, quase herética, sobretudo nesta época, em que a Eucaristia frente ao Protestantismo, foi proclamada, a justo título, como o centro da fé e da devoção: “nada perdereis”. Isto não substitui o lugar da Eucaristia na fé e na vida de Vicente de Paulo, pelo contrário, ele mesmo o explica imediatamente.

“Nada perdereis, pois, servir os pobres, é ir para Deus”. Não há praticamente escolha a fazer entre duas realidades ou valores; há uma continuidade lógica. Ir da Missa ao pobre é, de certo modo, acompanhar o Deus da Eucaristia até o pobre. Teríamos que fazer uma meditação sobre esta frase: “Nada perdereis, pois...”

Outra pérola desta passagem: “deveis ver a Deus nas suas pessoas”. Ver... a expressão é forte em Coste IX, 252, Vicente diz: “aí encontrareis Deus”. Aqui: “deveis ver”. O ver! Não se trata mais de uma busca, no termo da qual encontramos; trata-se de uma evidência. Para ser justo com Coste IX, 252, recordo que há a famosa exclamação: “e isto é tão verdadeiro quanto o estarmos aqui”.

Ver a Deus na pessoa dos pobres! Quando aprofundamos esta frase, compreendemos esta passagem um pouco desconcertante da Eucaristia ao pobre, sem se perguntar muito. Um teólogo pode ter dúvidas, questionar-se, introduzir nuances. Vicente de Paulo vai boa e simplesmente, porque o mesmo sabe ver Deus na pessoa dos pobres.

Podemos crer que estamos diante de um grande místico: de acordo! Mas é verdade que os verdadeiros místicos não pairam sobre as realidades. Também, Vicente enlaça imediatamente com as atitudes mais concretas de serviço: “Tende pois, muito cuidado com tudo o que necessitam”. Ver Deus, de acordo, mas sem jamais deixar de ver os pobres sob pretexto de devoção ou de contemplação. Sem dúvida, trata-se de um olhar de fé, mas que passa por olhos de serva, de profissional do serviço, conscienciosa e cuidadosa: “Tendes que ver Deus nas suas pessoas. Tendes pois, muito cuidado com tudo o que necessitam”.

Em seguida, vem a precisão tão identificadora para uma Filha da Caridade: “Não estais somente para seu corpo, mas para ajudá-los a salvar-se”. Decididamente, nestas poucas linhas, nada de essencial é esquecido e, portanto, estamos apenas há oito meses depois da fundação da Companhia. Aqui Vicente de Paulo sublinha para toda Filha da Caridade, a responsabilidade indissociável que lhe incumbe em relação ao serviço e à evangelização, isto é, o serviço corporal e o serviço espiritual.

O Senhor Padre Vicente insiste naquilo que ele chama: a ajuda para sua salvação... Ele emprega o advérbio: particularmente. “Tende pois, muito cuidado com tudo o que necessitam e procurai particularmente ajudá-los no que puderdes para que alcancem sua salvação: que não morram sem os sacramentos. Não estais somente para seu corpo, mas para ajudá-los a salvar-se. Especialmente exortai-os a fazer a confissão geral”. Esta ajuda espiritual imediatamente centrada nos sacramentos e a confissão, pode parecer hoje, um pouco precipitada e indiscreta. É necessário lembrar que estamos em período de Crisandade e que a grande maioria das pessoas, qualquer que seja sua prática, reivindicam o título de cristãos. Seja como for, Vicente de Paulo insiste na função evangelizadora que corresponde a cada Filha da Caridade; logo, sem transição e na mesma frase, ele passa espontaneamente à relação de pessoa a pessoa: “Suportai seus pequenos humores, encorajai-os a sofrer por amor de Deus, não vos irriteis nunca contra eles e não os digais palavras duras; já fazem bastante em suportar seu sofrimento”.

Talvez um passado recente me ajude a sentir melhor tudo o que Vicente de Paulo disse nesta frase. Penso que nela se encontra um elemento essencial da espiritualidade e da identidade da Filha da Caridade. Qualquer que seja o progresso da medicina e das estruturas sociais, a Filha da Caridade que deve participar plenamente nestes progressos, será sempre aquela que suporta os pequenos caprichos, encoraja e nunca se cansa! Em resumo: aquela que tem a preocupação prioritária e permanente, da relação de pessoa a pessoa, sabendo que o pobre sempre “já faz bastante em suportar seu sofrimento”.

Realmente, estas linhas estão entre as mais ricas e as mais densas de tudo o que Vicente de Paulo pôde dizer ou escrever sobre a Filha da Caridade. Era 31 de julho de 1634, oito meses depois da fundação da Companhia, diante das doze primeiras Filhas da Caridade e diante da Senhora que as acolheria. Padre Vicente termina: “Pensais que sois seu Anjo da Guarda visível, seu pai e sua mãe, e não os contradizeis senão naquilo que lhes é prejudicial; porque nisto seria uma crueldade conceder-lhes o que lhes pedem. Chorais com eles; Deus vos constituiu para serdes sua consolação!”

Eis o que foi a mística das doze primeiras Filhas da Caridade e o que poderá permanecer o texto de referência fundamental, para todas as Filhas da Caridade de todos os tempos e lugares. Vicente estava consciente disto, terminando sua conferência, pensava em vós, Filhas da Caridade de hoje: “Minhas Filhas, todas as nossas resoluções nada são, sem a graça. Eis porque devemos pedir a Deus que nos fortaleça, e trabalhar animadamente. Entregai-vos para isto a Deus e à Santíssima Virgem Maria e invocai São Luis e os outros Santos que tão felizes foram em servir a Deus no vosso exercício.

Portanto, minhas Filhas, vêde que misericórdia Deus vos fez tendo-vos escolhido para serdes as primeiras para esta instituição. Quando Salomão quis construir o templo de Deus, colocou pedras preciosas nos alicerces para testemunhar que o que ele queria fazer era excelente. Queira a bondade de Deus conceder-vos a graça de que vós, que sois o fundamento desta Companhia, sejais eminentes em virtude! Porque, sendo pouco virtuosas, faríeis mal às que vos seguirem, se aprouver a Deus conceder a sua bênção a este princípio. Como as árvores só dão fruto segundo a sua semente, é de crer que os que vierem depois de vós não irão pretender a maiores virtudes que aquelas que vós praticardes.

Todas declararam então quererem submeter-se aos conselhos recebidos e praticar o regulamento dado.

Todas se puseram de joelhos e o Senhor Padre Vicente acrescentou: Que a bondade de Deus queira imprimir de tal modo nos vossos corações o que eu, miserável pecador, acabo de dizer da sua parte, que vós recordeis para o praticardes e serdes verdadeiramente Filhas da Caridade. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém”.

Padre Jean Morin, cm

## **PREPARAÇÃO DO ANO JUBILAR DO 350º ANIVERSÁRIO**

**PREPARAÇÃO**

**DO ANO JUBILAR**

**DO 350º ANIVERSÁRIO**

**DA MORTE**

**DOS FUNDADORES**

**15 DE MARÇO DE 2010**

**27 SETEMBRO DE 2010**

## **PREPARAÇÃO DO ANO JUBILAR DO 350º ANIVERSÁRIO**

**2010  
DOIS ANIVERSÁRIOS**

**2010** será, para nós Vicentinos, um ano especial: completará 350 anos que nossos Fundadores partiram para a Jerusalém celeste, Santa Luísa na primavera e São Vicente no outono. Sem dúvida alguma, será um acontecimento que merece ser celebrado não só porque ambos continuam vivos nas instituições fundadas por eles e pela doutrina que nos deixaram, mas também, porque os dois contribuíram de modo notável para desenvolver a caridade na Igreja e no mundo. Recordemos que Santa Luísa foi declarada patrona de todas as obras sociais da Igreja pelo Papa João XXIII em 1960, quanto a São Vicente, Monsenhor Henri de Maupas du Tour dizia dele, no dia de seus funerais, que *“Ele havia mudado quase totalmente o rosto da Igreja”*. Evidentemente, Monsenhor Henri se referia ao rosto do samaritano que depois de São Vicente se percebeu com mais clareza na Igreja. Todo esse movimento de caridade terminou, três séculos depois, nesta expressão consagrada pelo Concílio Vaticano II: “a Igreja dos pobres” e, um pouco depois, na “opção preferencial pelos pobres”, referindo-se naturalmente à própria Igreja.

Ao longo deste ano consagrado aos Fundadores, haverá certamente muitas e numerosas iniciativas como: celebrações, projetos de caridade, conferências, artigos, escritos... com o objetivo de tornar conhecido, aprofundar, motivar e revitalizar um carisma que, mais do que nunca, parece muito necessário, considerando nosso mundo de hoje. Tenho certeza de que cada Província, por sua vez, pensará em atividades concretas para celebrar o ano dos Fundadores. Sem dúvida alguma, será uma boa oportunidade para renovar-se na vocação e crescer no sentido de pertença à Companhia. Os fundadores sempre serão uma fonte de inspiração porque a vida e a doutrina de ambos têm o selo do próprio Espírito Santo.

Os “Ecos da Companhia” querem contribuir na preparação deste acontecimento importante para a Família Vicentina. Ao longo deste ano de 2009, serão publicados uma série de artigos sobre Santa Luísa, São Vicente e sobre a relação, a colaboração que existiu entre os dois. Será uma boa ocasião para aprofundarmos as nossas raízes. Sobre os artigos que serão publicados, poderá ser feita uma partilha comunitária e, inclusive, uma celebração da Palavra. Enfim, a criatividade encontrará os meios apropriados para aproveitar bem esta possibilidade que nos é oferecida.

O ano jubilar vicentino é chamado a ser um ano de graça, de bênção, de conversão. É verdade que, em nosso tempo, existem tantas celebrações, convites para participar de tal ou tal acontecimento, proposições de todo tipo, que este aniversário pode nos dar a impressão de ser um a mais. Não! É necessário priorizar entre “outras coisas”, interessantes, boas, úteis, o nosso próprio aniversário.

O ano dos Fundadores deve ser o *“nosso ano vicentino”*. Aprofundar a vida deles nos levará a nos renovar, a reforçar nossa opção vocacional, aquela que fizemos há 10, 20..., 50 anos e que deve ser mantida viva e cheia de frescor como antes, porque a vocação é um acontecimento de graça que excede o tempo e a idade.

O ano dos Fundadores deverá ser *“o ano dos pobres”* para todos aqueles que se sentem seus seguidores. Para São Vicente, os pobres se tornaram “seu peso e sua dor”. É difícil encontrar uma expressão melhor do que esta, que nos faça compreender qual foi a orientação vital de sua existência. No ápice de sua vida, estava Jesus Cristo e os pobres, definitivamente irmanados pelo texto de Mateus 25, e sobre o qual os dois Fundadores meditaram muitas vezes. E tudo é explicado e orientado por este objetivo.

O ano dos Fundadores pode ser uma boa ocasião para revitalizar nossa opção pelos pobres e, também, por que não, para criar novas formas de servi-los e evangelizá-los. Os tempos exigem que coloquemos nossa criatividade e imaginação para funcionar, como São Vicente e Santa Luísa fizeram em seu tempo. Boa preparação para o aniversário dos Fundadores!

Padre Javier Álvarez,

**PREPARAÇÃO DO ANO JUBILAR DO 350º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE NOSSOS FUNDADORES**

Santa Luísa de Marillac  
1591 - 1660

*“Não podemos olhar e estudar Santa Luísa de Marillac,  
sem amá-la de tanto que ela é grande,  
pela bondade, pelo sofrimento e a ação”<sup>1</sup>*

**Anteprojeto**

**INTRODUÇÃO**

Hoje, podemos saber tudo sobre Luísa de Marillac? Sim e não seria uma resposta insegura. Nossa intenção é enfatizar o Sim, apesar de certas obscuridades que são reais, pelas quais sofremos com Santa Luísa quando ela se expressa em algumas circunstâncias.

O Papa Pio XI, pronunciando o panegírico da canonização em 1934 incentivou a Companhia a instituir nas comunidades uma devoção semelhante àquela que faz irradiar os rostos daqueles que amamos.

*“Filhas da Caridade, Luísa de Marillac é uma das vossas. É vossa Mãe. Sua glória é vossa glória, portanto, permaneçei herdeiras de sua caridade e de sua solicitude materna. “**Vinde** das terras de missões distantes e de todos os lugares do mundo, onde o sol do Oriente ao Ocidente, ilumina vossa estrada e vossos passos nas pegadas dos arautos do Cristo.*

***Vinde...** levantai os olhos para o rosto de vossa Mãe, **lêde** em seu olhar e escutai de seus lábios, sua satisfação e seu encorajamento em mostrar-vos pela semelhança espiritual, dignas dela”.*

Depois de ter chamado Luísa de Marillac “*serva bem amada*”, o Papa Pio XI rezou: “*Ó Jesus, dá-nos uma faísca deste fogo com o qual vós a inflamastes. Sim, meu Deus, que ela acenda em nós que nos acercamos de vós, esta chama de caridade que se estenderá paciente e manso, santa e humilde, consoladora e forte, resignada e vitoriosa*”<sup>2</sup>.

Durante este ano que prepara o ano jubilar do 350º aniversário da morte de nossos Santos Fundadores, mergulharemos nosso espírito, nosso coração e nosso olhar, na realidade de sua vida santa em todos os aspectos.

**PRIMEIRA PARTE: UM POUCO DA HISTÓRIA**

Testemunhas nos entregarão alguns segredos. Nós os conhecemos:

- São Vicente e Mathurine Guérin;
- Historiadores como Gobillon e Abelly escrevem na verdade do seu tempo.
- Irmã Marie de Geoffre de Chabrignac preparou o reconhecimento da santidade de Luísa de Marillac durante 17 anos.

- D. Bonard, com a ajuda das pesquisas escritas de Irmã Marie de Geoffre produziu um grande volume sobre a vida de Luísa de Marillac cuja terceira edição foi publicada em 1921, um ano após a beatificação de Luísa de Marillac.

**SEGUNDA PARTE: AS PESSOAS QUE ESCREVERAM SOBRE SANTA LUÍSA**



Esta parte será intitulada “**História, memória, meditação**”. No decorrer do século XX algumas Filhas da Caridade escreveram numerosos escritos sobre Luísa de Marillac, livros, teses e comunicações orais durante as Sessões Vicentinas ou outras. Os temas e as circunstâncias são diferentes, mas o objetivo é o mesmo: pôr em evidência alguns aspectos da vida de Santa Luísa para um melhor conhecimento e o aprofundamento de suas virtudes, sobretudo “*aquelas virtudes mais tocantes e que elas se propõem a imitar, com a ajuda de Deus*”<sup>3</sup>.

- Irmã Regnault da Casa Mãe produziu o “livro cinza” das Cartas de Santa Luísa e uma obra “Luísa de Marillac e a paixão pelo pobre”.

- Irmã Margaret Flinton da Província de Emmitsburg (EUA), em 1953, apresentou corajosamente na Sorbonne sua tese de doutorado “Luísa de Marillac, o aspecto social de sua obra” (editada em 1956).

- Irmã Alfonsa Richartz, da Província da Alemanha, “evangelizou” um grupo de Institutos religiosos que se espelhou em São Vicente a partir de Santa Luísa de Marillac. Toda esta herança será colocada, em seguida, à disposição das Filhas da Caridade.

- Irmã Elisabeth Charpy, da Província da França Norte, ofereceu à Companhia o que nós poderíamos chamar de “documentos oficiais”: dois trabalhos de base: os Escritos Espirituais e o livro “Documentos”. Seria necessário acrescentar outros trabalhos a partir da seiva que a árvore produziu.

- Na Casa Mãe, não podemos esquecer a voz de Irmã Blandine Delort, tirando da obscuridade o conteúdo dos autógrafos de Santa Luísa e de São Vicente, preciosamente reunidos por Irmã Marie de Geoffre dos quais as Visitadoras foram as primeiras a beneficiar.

- As Sessões Vicentinas, organizadas por Irmã Marie-Genevieve Roux, permite a centenas de Irmãs beneficiarem, cada vez mais, de um melhor conhecimento sobre a vida e a atividade de Santa Luísa, graças às diferentes intervenções de Irmã Elisabeth Charpy.

Após esta enumeração, é oportuno mencionar os Padres Lazaristas cujos escritos são pouco conhecidos e não estão ainda traduzidos.

- Em 1921 foi publicado, em nome do Padre Portal, um “Livreto” de mais ou menos cinquenta páginas, usando como fontes Gobillon, Bonard, as cartas de Santa Luísa de Marillac. Este livreto, encontra-se na biblioteca vicentina da Casa Mãe. Temos também, um livro de “Meditações sobre a Bem-aventurada Luísa de Marillac” para a festa, os dias da oitava e os primeiros sábados de cada mês. Este livro data de 1920, ano de sua beatificação, o autor é desconhecido.

- Numerosos artigos do Padre Gonthier sobre Santa Luísa são publicados no boletim dos Lazaristas de França de 1972 a 1985. O Padre Gonthier desenvolve, entre outras, o lugar da Cruz e do Espírito Santo na vida de Luísa de Marillac, seus dons de educadora, de fundadora, de animadora, de diretora administrativa...

Por causa do grande interesse que as Irmãs demonstram ao longo das visitas do Patrimônio cultural da Companhia, a enumeração das obras das Irmãs e dos Padres pode ser considerada como “lugares de memória” com sua riqueza, a densidade e o testemunho de fé na diversidade e que deve ser explorada e meditada novamente por nós hoje e por aqueles que virão depois de nós.

### **TERCEIRA PARTE: LUÍSA DE MARILLAC, FORMADORA, GUIA ESPIRITUAL, ORGANIZADORA.**

“*Filhas da Caridade... levantai os olhos para o rosto de vossa Mãe, lêde seu olhar e escutai de seus lábios*”. A terceira parte será dedicada a Luísa como formadora, guia espiritual, organizadora de sua vida e de sua ação, um destaque de sua vida em Deus e com Deus; sua atenção à vida de todos os dias terá um destaque particular.

### **QUARTA PARTE: O QUE LUÍSA DE MARILLAC NOS DIZ HOJE?**

A última parte ressaltará que “*Nosso Senhor fez uma Companhia mais a Ele do que a vós mesmas, da qual sois membros. Por isso vos chamam Filhas da Caridade, isto é Filhas de Deus*”<sup>4</sup>.

São Vicente quis a Companhia tal como a Senhora Le Gras a formou. Segundo o desejo de Deus desde as origens, o que nos diz Santa Luísa para hoje?

## CONCLUSÃO

Concluindo esta introdução, quais serão os frutos a retirar desta vida toda doada à Deus e aos pobres? “Se desejardes, diz ela, aspirar à perfeição, é necessário trabalhar para morrer a vós mesmas. Minhas queridas Irmãs, digo-vos grandes coisas nestas palavras que não posso escrevê-las com meu sangue ou deixá-las em letras de ouro!”

Luísa de Marillac nos deixou seu testamento espiritual, resta-nos pedir-lhe a graça da verdadeira santidade, **a sua**.

Irmã Claire HERRMANN  
*Serviço dos Arquivos*

## Notas

<sup>1</sup> Reitor emérito do Instituto Católico de Lille

<sup>2</sup> Conferência de São Vicente, 3 de julho de 1660. Original: Arquivos da rua do Bac

<sup>3</sup> São Vicente, 18 de outubro de 1655

<sup>4</sup> Padre Jamet – Prefácio de Luísa de Marillac ou a Paixão pelo Pobre ontem e Hoje (Edições SOS)